





EX-LIBRIS



BORBA  
MORAES

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

w.

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



O  
CONDE LOPO

---

POEMA

(INEDITO)

POR

M. A. ALVARES DE AZEVEDO



RIO DE JANEIRO

Typ. G. Leuzinger & Filhos Rua d'Ouvidor 31

1886



O  
CONDE LOPO

---

POEMA

(INEDITO)

POR

M. A. ALVARES DE AZEVEDO



RIO DE JANEIRO

Typ. G. Leuzinger & Filhos Rua d'Ouvidor 31

1886





## AO LEITOR

---

Depois do largo espaço de tempo decorrido desde a publicação das obras do nosso illustre e caro amigo, o distincto brasileiro Alvares de Azevedo, tão prematuramente arrebatado ás affeições da familia e á patria que elle honraria ainda mais, se mais lhe fosse dado viver, fazemos publicar parte dos manuscriptos que deixou, e que talvez se resintão da falta de correcção, que não teve occasião de applicar-lhes.

Sua digna e veneranda mãe a Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Maria Luiza Silveira da Mota e Azevedo, que a isso nos autorizou, possui ainda grande cópia de manuscriptos, que mais tarde serão por sua vez publicados.

Rio, Outubro de 1886.

L. A. DA SILVA NUNES.



## O CONDE LOPO

---

Les poètes sont ainsi. Leur plus beau poème est celui qu'ils n'ont pas écrit ; ils emportent dans la bière plus de poèmes qu'ils n'en laissent dans leur bibliothèque.

— J'emporterai mon poème avec moi.

— Et moi le mien — Qui n'en a fait un dans sa vie ? Qui est assez heureux ou assez malheureux pour n'avoir composé le sien dans sa tête ou dans son cœur?...

TH. GAUTIER.



# PREFACIO





## PREFACIO

---

O fim da poesia é o *bello*.

Bello material, bello moral; do bello por assim dizer mimoso, até esse bello arrebatador que se chama sublime — desde o bello calix da flor alvasinha a branquear ao bando de irerês marinhas deslisando garrido na saphyra das aguas — como a nuvemzinha irisada da tarde na limpi-dez do céo — até ao bello da cataracta mugidora a despenhar-se das quebradas negras da montanha, em lençóes d'agua, e a bramir lá em baixo no despenhadeiro com suas vagas de escuma — desde o bello da estatua de marmore da Venus Callypigia até ao bello do Jupiter Capitolino, desde a estrella até ao rugir do trovão, — sempre é o bello — Pois o que é o sublime senão o gráo mais ardente do bello?...

O fim da poesia é portanto o bello ou, se melhor se quizer, — a poesia é o bello. —

A missão do poeta é pois o apostolado da belleza, o dever de esfolhar corôas sobre todas as quadras da vida, enfeitá-las, enfeitiçá-las; e ahi desses jardins da natureza colher as flores perfumosas da capella de sua lyra, de sua harpa de trovador.

Como as aves do céu, como as flores da selva, como os clarões das noites, é sua missão dar cantos, perfumes, fulgores — espalhar recendencias, derramal-o gotta a gotta esse vaso de balsamo que se chama a alma — como a Magdalena — para perfumar essa passagem na terra que se chama — a vida. —

Assim pois o merito ou demerito de um poema é — *ser ou não bello*.

Pode-se perdoar ao Triboulet do *Rei diverte-se* — esse sangrento epigramma de um poeta sublime, aba de manto de velludo reluzente de pedrarias rota pela mão do genio, mostrando quanto de infame lá embaixo se escondia — pode-se pois perdoar a Triboulet sua vida á frente da sua agonia, e ante aquella cabeça de homem estallada nas pedras da calçada esquecer os remoques infames do truão — mas nem por isso a peça deixa de ser immoral.

Qual é a *immoralidade* de uma peça?

Não é a apresentação de quadros contra a moral?

E constituirão alguma scena edificante, algum



quadro digno das santissimas paredes de uma Igreja essas duas scenas do rei-seductor com a donzella enganada — o estupro, uma, e a outra o sacrificio della por aquelle que ora dorme nos braços da barregan das ruas ?

Não é esse o lugar para sustentar theorias de *moralidade*. — O que dissemos do *Rei diverte-se* diriamos de *Marion Delorme* — citariamos essa scena em que ella entra com as faces ainda ardentes e avermelhadas dos beijos — no ultimo acto, — o mesmo de Ruy Blaz, o mesmo em geral do theatro e até dessa obra sublime do cantor das Orientaes — Nossa Senhora de Pariz — vasta e sombria concepção como a cathedral gothica avultando negra na escuridão da noite avermelhada pela luz dos fachos sacudidos, — no ataque dos Bohemios — idéa immensa, joia de facetas tão diversas, fresco gigantêo da imaginação de Miguel Angelo, — onde de um lado do quadro dança a ligeira e suave Zingara com os crespos soltos nos hombros morenos, batendo o seu adufe, e enlevado de tão bella feiticeira nos passos leves, a vista do bello capitão, a miral-a de cima do feroso ginete com olhos accesos de volupia — e lá de cima da torre prezo, pelas mãos convulsas, á pedra das frestas, o monge livido com os olhos em fogo e os dentes cerrados, immovel e terrivel como o jaguar do Oriente com os olhos na preia, — essa « Nossa Senhora

de Pariz », emfim, ora clara e bella como as vidraças multicôres das ogivas rendadas, ora ligeira como as columnas delgadas de marmore branco, ora sonora e ruidosa, alegre e bacchante, ebria de orgias como esse monge entalhado no portal da cathedral de Mayença ; ora voluptuosa e lasciva como os beijos da Cigana desatada nos braços de Phebo na taverna das bordas do Sena — mas no meio dessas flores, desses cantos de orgia, desse fremito de beijos em labios soffregos — desse anciar de collos apertados — lá surge torva como uma djin na crença oriental — como uma serpente junto da mangueira onde descantão as aves, como a féra de olhos de fogo junto da relva onde dorme a creança perdida, essa sublime e medonha figura de monge, esse homem cuja historia, cuja crença, cuja esperança — era uma palavra *ΑΝΑΡΚΙΑ* — Claudio Frollo !...

Se ha poeta francez a que votemos decidida affeição por suas obras, a quem rendamos dos fundos d'alma culto como é de render-se ao genio — é esse mancebo louro, de olhos limpidos e azues, sonhador de pesadellos onde sorri satânico e infernal sempre na fôrma incarnada de genio do mal — quer seja Han d'Islandia o bebedor de sangue e agua do mar, ou Habibrah o anão, ou Triboulet o bufão, em opposição a essas candidas creaturas de Esmeralda e Branca, Ethel e Maria Neuburg.

Como eu dizia, pois, acho cá de mim para mim que o fim não torna moral uma obra da qual cada capítulo seja immoral. — Assim acabasse Byron o seu Don Juan, esse primor da palheta multicôr do Bretão sarcástico e desesperançado, fazendo eremita com barbas a cahirem-lhe longas sobre o peito e as faces resequidas pelos jejuns, esse tão invejado gosador da vida que não se poderia dar como nenhum modelo de moral em acção sua Odysséa — brilhante, porém summamente immoral. É a razão porque não achamos a moralidade do nebuloso Faust do poeta Allemão, desse genio sublime representante e chefe da litteratura nova — da eschola romantica, como a chamão, tal qual se acha ella instituida — apezar da apothese da ultima pagina...

Eis ahi pois a primeira razão.

Quanto á segunda — foi *porque não quiz*.

E que ladrem critiqueiros — Que importão elles?

Pobres mulheres estereis que com olhos chamejando de inveja devorão as crias rosadas das outras — Serpes rojadoras e impotentes a insultarem os vôos das aguias que vão perder-se nas nuvens, que importão elles? Hade a mulher esmagar seu filho entre os joelhos pelas invejas dellas, hade a aguia desvairar-se do vôo só porque a vibora vomitou-lhe a bava do insulto? Não! eil-a se pende com as azas abertas, a

rainha dos ares — que lhe importão sarcasmos do verme estúpido? Ri delles, e se baixa-se a ouvil-o é para esmagal-o. A satyra de Byron e o fundo do painel do Caravaggio fizerão-lhes justicas a essas audacias loucas.

Qual Homero que não tivesse o seu Zoilo?

Qual poeta grande ou pequeno que não tivesse um desses escrevedores de regras, *La Harpes* assobiados nos theatros, pifios rimadores, como dizia Gilbert, *tombés de chûte en chûte au throne académique*, que lhes profanasse os sonhos?

E pois consolar-me-hei de optima mente com as criticas. — Se os grandes as ouvirão, porque queixar-me? Não é dos jasmineiros chamar os reptis? Não é das doçuras chamar os insectos?

---

A missão do poeta como eu disse no começar esse preambulo é o *bello*.

Assim pois — o unico juizo de que damos ao leitor competencia sobre esses versos soltos e rimados que ahi vão, é sobre sua belleza ou não.

Se achal-os conforme com o fim da poesia — bom será — Senão.....

Poucas couzas ha ahi no mundo que olhadas de certo modo não tenham o seu *que* de poetico: se ainda ahi ha tanta flor solteira de poeta — é que elle ainda virá, o seu vate, para descantar-lhe as bellezas.

A vós — classicos como Horacio, Anacreonte e Ovidio, e a vós Romanticos como Byron — perguntarei, das noites de gozo monstruoso das lupercas, das orgias e turtolias da Grecia e de Roma, desses cantos infames que marearão as lyras dos tres poetas da antiguidade que entre tantos ahi cito, não por falta, porque fora-me facil incluir nelles o casto Virgilio com sua *Eccloga de Alexis*, e Tibullo com seus hymnos ternos ao mancebo formoso de seus amores, candido como os fulgores da Latonia lua (\*) — desses meus cantos seja-lhes scena o salão do banquete, com o seu refulgir de copos cheios de licores e a sua musica de loucas alegrias e alegres amores, sobre chão cheiroso de rozas, respirando o ar volupias e lascivias — quaes mais immoraes, quaes menos puros ?

Não fallarei de Byron. — Repito, não é essa uma obra de Moral, e para mim que quando leiu é para apreciar o bello da imaginação do poeta, Don Juan é um primor.

A razão porque comparei os Cantos do meu poema á devassidão dos poetas classicos foi unicamente para lembrar que ha uma differença entre o immoral e o torpe.

O immoral pôde ser bello — As vizões núas

---

(\*) Condor erat qualis praefert Latonia luna,  
 Et color in niveo corpore purpureus  
 Ut juveni primum virgo deducta marito  
 Inficitur teneras ore rubente genas, & &

Ov. Liv. 3 Elegia 4.

do juizo derradeiro de Miguel Angelo — Antony, Angela, Thereza, quasi todo o theatro emfim, quasi todas as obras de Alexandre Dumas são immoraes. — Àquella alma de poeta quem negará comtudo glorias e louros? quem poderá não achar bellas essas paginas do romancista-rei do seculo?

Jacques Rolla e Franz.

Eis ahi pois — Antony é bello — mas algumas odes immoraes de Horacio, não o são. — Se tem seu *que* de bello o Alexis do cantor da Eneida, se os amores de Ovidio são tão cheios de belleza — ás vezes outros quando essa alma de poeta desce á torpeza, como o cysne branco atolado no charco do pantanal, nem ha lel-os, esses cantos prostituidos!

Do sublime ao ridiculo ha um passo, disse um grande pensador e um grande guerreiro — do immoral ao torpe tambem vai um passo.

Dos cantos de Byron, ardentes como o tremor do enlevo no sorver dos beijos — vai um passo talvez a esses poemas infames, corrompidos e corruptores imputados ao grande sonetista de Portugal. — Mas esse passo é por sobre um abysmo.

O que alli era bello — aqui nada tem disso — foi um passo somente, mas foi uma quéda da montanha esmeraldina e purpurea de rozas ao paúl do brejo. Foi um passo sim — mas um passo do serro ao precipicio de entulho e lodo onde só habitão os vermes da podridão.

---

O bello manifesta-se por tres diversos modos, por tres fontes, o que faz dizer que ha tres especies de *bello*.

Outros mais illustrados poderão achar defeituosa minha classificação — é comtudo a que eu adopto em falta de melhor. — Bello idéal, bello sentimental, e bello material.

Diga-se o que se quizer — nem em Homero nem em Virgilio, em uma palavra em nenhum dos poetas antigos apparece a primeira classe que apresentamos.

Dizem os poetas idealistas que isso pende de duas causas — da philosophia e das tendencias do clima voluptuoso das terras do Sul.

Não é nosso empenho tratar disso.

Talvez o sol oriental chame os homens á realidade, e a bruma e as nuvens cinzentas dos luares boreaes levem-no ao idealismo. — Seja como quizerem.

A litteratura Européa, humilde discipula dessa velha arrebicada de Horacio, dessa lyra acostuada a soltar suas notas amorosas no trepidar das saturnaes de Roma a Sybarita, dessa lyra que deixára as entesadas cordas metallicas dos tempos épicos para nos soltos nervos, no acompanhamento das flautas lydias e dos plectros cretenses, transpirar aromas de banquete, levarão-na em França as orgias da regencia e do reinado de Luiz XV ao ultimo aperfeiçoamento da immoralidade.

O blasphemo cantor da guerra dos deuses levou o materialismo poetico até aonde Horacio — o vate das orgias romanas regadas dos vinhos de Falerno e Massico — nem se atrevera a pensal-o.

A culpa é da philosophia materialista do seculo !

A revolução Franceza levou consigo esse cortejo de bacchantes languidas e ébrias, com seus brindes de gozo e seus beijos de labios de braza — essa carreta morna e voluptuaria de Thespis a que succedera fria e sangrenta a carreta dos Girondinos. Com a renascença da poesia em França houve então uma reacção total, de Zenith a Nadir, sobre a poesia.

Em lugar da poesia dos olhares tremulos de gosto, dos seios quentes, anciosos, a se elevarem em suspiros afogados, em lugar dos contornos das linhas ondeantes, do esmero das cadeiras arredondadas e das pernas cheias, macias e roseas como a flor de Venus, dessas nymphas meio deitadas, os membros de madreperola, com a cabeça sobre um braço arredondado e lacteo, e de cabellos soltos em chuva sobre o avelludado das costas núas, Antilope ou Clytias nos requêbros voluptuarios do somno á sombra das florestas, que o cinzel dos estatuarios antigos, os lascivos pinceis de Zeuxis e Phidias, os versos dos poetas pagãos traduziram a esses homens novos, — veiu a poesia nebulosa e Ossianica, —



em lugar das roupas roçagantes, das tremulas sedas Sericas, das transparentes escomilhas purpuras de Cós, perfumadas de nardo Assyrio e dos incensos da Árabia escrava — vierão os longos véos brancos, as creaturas dos poetas se transformarão em nevoas, deixarão a terra com suas bellezas ardentes para irem sonhar á lua, um anjo, uma Sylphide em cada nebrina alvacenta pousada nas ramagens das florestas — em lugar desses bosques fallantes povoados de Dryadas, onde cada gemido de briza parecia um anhello de nymphas, onde cada sussurro das lymphas do rio era o chamado de uma bella creatura por algum Hylas formoso, vierão os cyprestes esguios e escuros, com suas sombras alongadas, movendo-se com a lividez sepulcral das luzes da lua, e além, nas sombras, as fórmulas incertas das virgens chorosas dos bardos boreaes.

Foi uma terrivel reacção. Os poetas modernos rião-se dos antigos por terem misturado a theogonia pagã com a theologia christã, culpavão o Homero portuguez por essa mistura de Aphrodites e a Virgem Maria, Mercurio e Jehovah; e comtudo acharão muito bonito misturarem-se os anjos do Livro das crenças sagradas com as Sylphides, os Gnomos, Elfos, Gigantes e anões, dos sonhos dos poetas runicos do Norte, as tradições Biblicas dos seraphins com as superstições não menos pagãs que as romanas e gregas, dos clans de Morven

e Erin, e dos caçadores de phocas e ursas, dos gelos dessa Islandia de pescadores que se estendera á Groelandia, e da triplice Scandinavia.

Iamos-nos desviando das theses da nossa classificação. — Voltemos a ellas. Vimos pois como appareceu a poesia do bello ideal, com suas vizões vaporosas e nevoentas, com seus anjos de cabellos loiros desmaiados e rostos ováes, com olhos azues-languidos e uma lagrima sempre nas faces e um sorrizo triste nos labios descorados — e seus sylphos aerios, seus Triblys vagabundos e galhofeiros, seus Gobelinos de azas de borboleta, e seus duendes malignos vagando nos paues para desviar e perder os viajantes.

A poesia do bello sentimental é para nós a mais bella : são esses hymnos que exhalão-se do coração como os perfumes da redoma quebrada de crystal onde se guarda o balsamo, como o aroma das flores abertas ao Sol — é o coração enternecido e embalado ao som dos cantos, desfeito em harmonias, aves côr de neve voando em céu de sonhos.

Porém se somos tão apaixonados desse bello, se o achamos talvez o mais doce de todos tres, comtudo não somos daquelles que deixão o bello material.

O que ha ahi de mais poetico do que uma mulher bella, com os cabellos soltos entrelaçados de flores e perolas, e dentre as roupas meio

abertas o collo de chamalote branco a lhe ondear com reflexos de setim, com os labios rozados entreabertos num sorrizo, mostrando como grãs de uma romã verde os dentes tão alvos, tão prateados que melhor os dissereis perolas?

E ante um desses olhares de humido fulgôr, de uma pupilla languida de effluvios de gôzo, ante um desses volveres de enfeitado condão de uns olhos negros cheios de amor, promettendo amor, quem ha ahi que não sinta a alma no peito estremecida, anhellante, desmaiando de anceios, sequiosa de orvalhos de beijos, e a correr-lhe nas veias o sangue com ardor mais suave, os olhos emfraquecidos de uma nuvem de prazer, sem luz, sem côr, sem vida, embriagados de enleio, — e os labios immoveis, entreabertos, sem halito, — quem ha que não a sinta a sua alma exanime, esvaecida, quasi morta num suspiro, nessa morte, na expressão de Bocage — « de uns brandos olhos desmaiados, morte, morte de amor, melhor que a vida »?

E ha na terra sensação de bello mais forte, mais cheia de poesia que essa?

---

Porém como os perfumes das flores são mais bellos quando misturados no ramilheté que traz no collo voluptuoso a donairoza donzella no baile, como as côres são mais bellas quando bem combinadas no iris do céu, ou nesses matizes dos crepusculos de outomno e verão, e os sons são

mais doces ao ouvido quando reunidos na orchestra, combinados com arte e gosto nessas peças de Bellini e Donizetti, assim ~~tambem~~ mais se lhes realça o valor a esses tres generos de bello, quando se reúnem num objecto.

E' esse, ou pretende ser-o ao menos, o fim da poesia romantica.

Talvez se notasse não ter eu nesses tres generos de bello fallado do bello-sublime, ter corrido das cordas da prima do violão em diante parando no bordão. — Fil-o de proposito.

Ha dous generos de bello — Ha o bello doce e meigo, o bello propriamente dito — e esse outro mais alto — o sublime.

A aguia no seu ninho afagando as suas avezinhas, carregando-as nas antenas poderosas das azas, beijando-as, aqueitando-as ao peito — eis o bello da primeira divisão, o bello meigo e doce; — mas suba a aguia a perder-se nas immensidades do céu nubloso, entre o rugir solto dos ventos e o rouquejar percursor da borrasca, ou lance-se ella de là ao seu ninho atacado, vejão-na lutar com garras e bico, lutar até morrer, vejão-na com as azas molhadas de sangue e a cabeça abatida, os olhos já vidrados cobrir ainda suas crias, e morrer ainda amparando-as como um escudo — eis ahi o sublime.

Agora quereis ver o sublime ideal, o sublime sentimental e o sublime material?

Abri as folhas do Livro Santo, nos Psalmos, nos Threnos, ou nas Prophecias, ou nas lamentações de Job sobre o primeiro — vede ahi a imagem de Jehovah, nesses sonhos tenebrosos e sombrios dos poetas da Judéa, esses velhos prophetas de fronte altiva, e calvas coroadas de cãs prateadas, ouvi a voz trovejadora do Deus do Sinai, e depois disse-me, sentistes já emoção mais forte vibrar-vos as fibras todas da harpa de vossa alma abalar-vos com um choque tão poderoso como o da pilha Voltaica?

Eis o sublime ideal — mais bello mil vezes, mais elevado e mais forte que todas essas vizões do bardo sublime das montanhas brumosas dos Highlands.

Quereis ver o sublime sentimental? Vinde comigo — dai-me a mão. — A noite vai tenebrosa, e a ventania se levanta rija nas montanhas, o céu de espaço a espaço se entre-abre alumando com vislumbres de clarões ondeantes de incendiô á terra convulsada. — Vedes aquelle monte de cristã negra, escavada e nua? Á luz do relampago da tormenta não vistes alli a fôrma de um cadaver pregada a um madeiro? Nos intervalos do trovão não ouvistes soluços que eshalarão-se de aó pé? Ide lá, ide sorrindo que eu não ouzara lá ir, tanto é solemne o sacrificio que lá se consumma. — Ide e perguntai a essas mulheres porque chorão, porque gemem, porque lhes estalla o peito em

soluções no ancilar atropellado do coração..... Ide, ainda é tempo e cada som quebrado da garganta do agonisante da cruz, cada convulsar de uma angustia intensa dessas pobres mulheres que abração o madeiro repassado de sangue e lagrimas, dir-vos-ha mais do que eu vos podera dizer.

Eis ahi o sublime sentimental.

Cada suspiro de uma daquellas fórmulas brancas e desgrenhadas, cada voz soluçada por aquella trindade santa de martyres dir-vos-ha o que palavras não sabem resumir.

E o sublime material, — dissei, nunca o sentistes no estallar das florestas sob o pezo gigante do bulcão, no nutar das vagas hirtas e verde-negras que o braço da tormenta eleva e atira em lençoes de fervedora escuma, no cheiro abafador e sulfureo dos ares cortados pelo raio? Dissei, nunca assististes a um desses dramas da natureza em que o vento infrene lucta com o mar que esbraveia, e o mar parece querer invadir nuvens e terras, que o raio affogueia? Essa scena tremebunda do dia final, tão sublime sempre, apesar de tão vista, tão abaladora ainda no descrever dos cantos soltos dos poetas, quando não ha um só que com a lembranças della não estremecesse as cordas de ferro de sua harpa ?

---

# FRONTISPICIO

---

Qui peut dire les rêves du poète avant qu'il se soit refroidi à nous les raconter?

G. SAND.







## O POEMA DE UM LOUCO

There is something wick I dread  
It is a dark, a fearful thing

.....  
That thought comes o'er me in the hour  
Of grief, of sickness, of sadness  
'Tis not the dread of death! 'tis more  
— It is the dread of madness.

LUCRETIA DAVIDSON.

### I

**F**oi poeta: cantou, e o estro em fogo  
Crestou-lhe o peito, devorou seus dias  
E a febre ardente desbotou-lhe a fronte  
Em dores sós, em delirar insano.

Foi poeta: cantou, sonhou: a vida  
Canto e sonhos lhe foi. Amor e gloria  
Com azas brancas viu sorrindo em vôos.  
Foi-lhe vida: sonhar: e ardentes sonhos  
A fronte lhe accenderão, lhe estrellarão  
Magico da existencia o firmamento.

Cantou, sonhou — amou: cantos e sonhos  
Em amor converteu-os. De joelhos  
Em fundo enlevo elle esperou baixasse  
Alguma luz do céu, que amor dicesse —

Anjo ou mulher! embora que elle a amara  
Co' fogo queimador que o consumia  
Com o amor de poeta que o matava!  
Anjo ou mulher — embora! e em longas preces  
Noite e dia o esperou — Misero! embalde.

Sonhou — amou — cantou: em loucos versos  
Evaporou a vida absorta em sonhos —  
E debalde! ninguem chorou-lhe os prantos  
Que sobre as mortas illusões já findas  
Pallido derramára —

Amou! E um peito  
Junto ao seu não ouviu bater consoante  
C'os amores do seu! Ninguem amou-o  
E nem as magoas lhe affogou num beijo! —

E morreu sem amor! Bateu-lhe embalde  
O pobre coração em loucas ancias.  
Passou ignoto, solitario e triste  
Entre os anjos do amor, só viu-lhes rizo  
Em braços d'outros — e invejosa magoa  
Essa alheia ventura só lhe trouxe.  
Nunca a mão d'elle de uma fronte branca

A alva coroa fez cahir da virgem —  
Jovem, solteiro, sem consorcio d'alma  
Entre as rozas da vida — mas nenhuma  
Nem deu-lhe um rizo — nem do moço pallido  
No imo d'alma guardou uma saudade!

Mas se á terra saudades não deixára  
Não levou-as tambem — do peito o orgulho  
Que ninguem quiz amar, ninguem amou.  
— Foi-lhe chimera o amor, não mais lembrou-o,  
Tentou-o ao menos.— E que importa um morto?—  
Doido é quem geme em lagrimar esteril —  
Quando o luto findou e alegre o baile  
Corre entre flores no valsar, quem lembra  
O defunto que é podre no jazigo?...  
— Morrera-lhe o sonhar — porque choral-o?

E morreu sem amor! E elle comtudo  
Tinha no peito tanto amor e vida!  
Alma de sonhos, tão ardentes, cheia!  
E anhellante do amor do peito — em outro  
Em horas ternas effundir em beijos!

E ás vezes quando a fronte pela febre  
Pezada e quente sobre as mãos firmava,  
Quando esse delirar febril da insomnia  
Em vertigens travava de sua alma,  
Um negro pensamento lhe passava

Como um fuzil no cerebro fervente.  
 E pensava dos loucos no delirio,  
 Na escura treva da vertigem tonta;  
 Temia — a morte não — mais — a loucura.

Oh! livra-se o Senhor que apoz das magoas  
 Que o seio lhe hão crestado em agonias  
 Da doudice viesse a nevoa escura  
 Mergulhar-lhe o espirito! —

Antes, antes

Da agonia mortal o torpor gélido!  
 Antes a morte fria — o cemiterio  
 Ermo e isolado, com seu chão de lousas,  
 Antes o somno do humido jazigo....

Meu Deus! e apoz de tanto soffrimento,  
 De tantas baldas lagrimas vertidas,  
 De tanto fel bebido em taça amarga,  
 De plebe estulta no hospital ser inda  
 Triste ludibrio de insolente escarneo!

Foi poeta — cantou — sonhou. — Mas hoje  
 Era-lhe morta a inspiração no peito,  
 Fugira a poesia, a insomnia sua  
 Secca das lagrimas a esponja nelle. —

## II

O poeta enlouqueceu — A alma sublime  
 Perdera o sizo — Como uma aguia em trevas

— Tropeçava e cahia — Pobre moço!  
Foi-lhe palacio o hospital, a esse  
Cuja fronte era um throno á poesia!

## III

Eil-o nas palhas do seu duro leito,  
Livido e frio co'um sorrizo idiota  
A arregaçar-lhe o resequido labio,  
Desvairado o olhar — de olheiras roxas —  
Com empanada luz no fundo escuro,  
E entre o sorrir dos labios lhe parava  
Nas seccas faces derradeira lagrima.

Hirsutas as melenas, negras, asperas  
Cahião-lhe na fronte. — O movimento  
Abrira-lhe a camisa. Ao magro peito  
Os ossos se contavão a mostrarem  
Dos causticos ainda as queimaduras.

Velava um guarda junto delle como  
De brava fera na gaiola aos pulos  
A rugir, movimentos se vigiam.

## IV

Extenuado das lutas arquejava  
Esse fantasma de homem sobre o leito.  
Subito estremeceu, ficou mais alvo  
Inteiro se estendeu convulso.

Mas breve foi-lhe a convulsão; quebrado  
Um afflicto soluço na garganta  
Lhe rouquejou — o derradeiro — e o frio  
Da noite extrema endureceu-lhe os membros.

## V

Veio depois da caridosa casa  
Algun homem talvez — Pol'os hombros  
E em mal cavada cova donde os ossos,  
Desenterrados do primeiro dono  
Desse leito de lodo o chão juncavão,  
Atirarão-lhe o corpo brutalmente,  
Das cavernas do peito lhe estallando  
Os calcinados ossos — uns punhados  
De terra apodrecida — obra mui pia,  
Lar de misericordia certo é esse  
Onde tal se pratica. — A eterna benção  
De inteiras gerações no andar dos seculos  
Desça sobre esses bemfazejos tectos!...

## VI

Por sobre as palhas do colchão do louco  
Achou-se um livro. — Mal escriptas lettras,  
Ninguem soube entender — Então eu vi-o,  
Levado apenas de curioso instincto  
Livrei-o á destruição. — Chegando á casa  
Abri-o e puz-me a decifrar-lhe o escripto.

---

Era um grosso caderno. As toscas linhas  
Erão versos. — Nem titulo escrevera  
Na frente ao livro seu cantor ignoto. —  
Nem seu nome sequer! — Muita leitura  
Mostravão nodoas que imprimirão nelle  
As mãos sujas do louco. — A lettra ás vezes  
Embranquecida descorárão gottas  
De copiosas lagrimas. O morto  
Talvez gravasse ahi idéas caras  
Do passado da vida! Fosse embora  
Qual a razão — as lagrimas cahidas  
Nas folhas do papel vi-as no livro.

## VII

Foi-me insana tarefa o decifral-as  
As mal escriptas linhas. — Parecia  
Que se esmerára por fazer difficil  
Sua leitura o author. — Algumas vezes  
Substituí versos meus a linhas delle  
Que eu não soubera traduzir. — Comtudo,  
Por querel-o não fiz — e a muitas outras  
Embora achasse mal torneado o verso  
E solto o estylo em liberdade extrema,  
Não quiz levar-lhes minha mão profana  
Dos sonhos delle ás expressões selvagens  
De inspiração febril. Puz-lhe igual titulo —  
Do Conde Lopo o nome: o heróe do canto  
O confessava o trovador anonymo.

## VIII

Não maldigão o fel dos cantos delle!  
Foi um Tasso sem risos de Leonora!  
E pois descreu — e pois maldisse tudo  
No catre do hospital, na luz escassa —  
A vida e os sonhos e esperanças bellas!

Co'a negra dôr sympathisei do louco,  
Com seu cântar de coração dorido,  
E amei-lhe essa altivez d'alma quebrada  
Que lhe resumbra no poetar amargo.







## PRIMEIRA PAGINA

Mes vers sont le tombeau tout brodé de sculptures,  
Ils cachent un cadavre sous leurs fioritures,  
Ils pleurent bien souvent en paraissant chanter.

THEOPH. GAUTHIER.

### I

Do campo santo onde o lethargo dormem  
Fundo e sem fim os que viventes forão,  
No silencio das sombras — estendida  
Jaz muita lousa ennegrecida e humida,  
Por cujas. figas escorrega o musgo  
E a cicuta das ruinas.

### II

O peregrino vagador dos ermos,  
Entre essas todas nunca viste, mudo,  
Sem lettra em cima, sem sequer madeiro

De simples cruz que te dissesse o dia  
Em que a morte levou esse que hi dorme,  
Coberta do hervaçal tosco lagedo?

## III

Repousa aqui muita illusão desfeita,  
Muita aurea nuvem arrarada em chuva  
E muita flôr pulverisada em cinza.  
Como outros d'homens são — de sonhos d'alma  
De lembranças da vida, é este um tumulo.

## IV

E como a lage que a indiscretas vistas  
Guarda o segredo seu em tréva espessa,  
Que não ha vel-o — Como as pedras negras  
Onde calou seu erguedor um nome  
P'ra que o mysterio seu não venhão lel-o  
Na pagina de pedra do sepulcro,  
Quando na solidão das horas mortas  
Virem-n'ò erguer-se desse chão hervoso  
Com olhos cegos do inundar das lagrimas;  
Assim meu livro deixal-o-hei sem firma.  
Leião-n'ò embora curiosas vistas  
Que estudão o soffrer com almas frias!  
Veirão a autopsia d'agonia funda  
Que o peito me lavrou. — Emquanto ao nome  
Do padecente, para que sabel-o?

## V

E só eu poderei nas ermas horas  
Molhar-lhe em pranto as paginas — bem como  
Ao cadaver que rõe a cal no fosso  
O unico sabedor da historia delle.





A

.....

D.

O

A.



# PRIMEIRA PARTE

---

## CANTOS I e II

Eat, drink and love: what can the rest avail us?

BYRON. *Don Juan.*





# OUVERTURA

---

Sê bem vinda minh'amada,  
Toda em perfumes banhada,  
Toda alegria e frescor;  
Quero cingir-te em abraço,  
E depois no teu rêgaço  
Adormeça o Trovador.

JOÃO DE LEMOS.





## OUVERTURA

(SYMPHONIA)

REMEM as folhas no correr da aragem  
Com seus perfumes enlevando magoas,  
E á noite bella sonharei cantando  
Como o cysne das aguas.

Cala-te, louco bardo! é doce a vida!  
— E em que delirios d'alma imagináras  
Um céu mais limpido, um luar mais puro?...  
Poeta, onde os sonháras?

Que visão bella de ennevoadas fórmãs,  
De romantica face entristecida  
Que valha o riso que perfuma os labios  
Do meu anjo da vida?

De loucos sonhos que ternuras ébrias  
Que valhão-lhe o tremor do niveo seio  
E o amortecido olhar, humido, languido  
De feiticeiro enleio?

Amemos! que na terra a vida é o gozo!  
 Ternuras n'alma, embriaguez nos labios  
 Sorria o coração! que importa o escarneo  
 Da voz fria dos *sabios*?

Gema no campo em que apodrecem mortos.  
 Da tréva o sonhador, fallando aos ventos  
 Durma co'a face em lagrimas na terra  
 Que nem lhe ouve os lamentos.

Que eu a vida amarei, hei de cantar-lhe  
 Entre os beijos de languida donzella,  
 Na fronte rosas, com a taça em punho  
 Doces mysterios della.

O fresco do luar vertigens varre,  
 Idéas de suicidio em negra mente.  
 Vem pois comigo — sonharemos juntos  
 Cantando alegremente.

---

 II

## A GEORGE SAND

## I

Lelia ou Consuelo? Espirito de Byron  
 Em fórmas bellas de mulher ardente,  
 Alma de braza a estremecer contornos  
 De voluptuosos, arquejantes seios,

Voz de magico cysne em roseos labios  
Que vivos accendeu da orgia a febre,  
Genio sublime d'ideaes romances  
Cheios de sangue e de blasphemia acerba,  
Como essa téla do pintor flamengo  
De sombrios paineis — Rembrant o pallido  
— Onde no claro escuro em ar trevoso  
Aurea restea de luz descai na fronte  
De candida visão.

Mulher sublime

De poemas infernaes, d'alma descrida  
Em corpo ethereo — Jorge Sand, na terra  
Que peito d'homem que te lesse os cantos  
E alma de poeta que entender podesse  
Do teu sonhar as harmonias — negras  
Como no escuro temporal o vento  
A ulular nos pinheiraes quebrados,  
Nas ribas negras onde o mar rebenta  
Num grito de agonias, oh! e que alma  
Que não sonhasse-te, em ardentes sonhos,  
Sequer sentir o ardor desses teus labios,  
Dos olhos teus de scintillar soberbo,  
De viva inspiração e anhellos igneos,  
E teu seió a anciar com ondas turvas  
No além do alto mar, por sob o delle,  
Mulher! qual desses pallidos mancebos  
D'almas de lavas que o condão do genio

Trazem escripto na descôr sombria  
Da fronte erguida — corações que enleva  
O talisman de arrebatada idéa —

Que de joelhos no fervor do anhello  
 Co'os olhos cegos do orvalhar das lagrimas  
 Os labios tremulos e a voz cortada  
 Não te sonhasse amores?

## 3

Fada ou mulher, anjo ou demonio, és bella!  
 Que eu daqui te sonhei huri do Oriente  
 De langue olhar e abrazadores labios  
 E seio abalador de enlace ardente!

E pois que a sina me vedou venturas  
 No peito viverei co'a imagem della!  
 D'irresistivel talisman és deusa,  
 Fada ou mulher, anjo ou demonio, és bella!

## 4

Tem sons que abalão tremulas as fibras  
 Todas do hiante coração, tua harpa.  
 Tens olhares que vibrão como raios  
 Clareando a escuridão, — p'lo peito a dentro  
 Esses teus olhos de divino fogo —  
 O correr da torrente em brancas ondas  
 De fervedora espuma, tens no collo  
 Quando nas horas do prazer se agita  
 E em suspiros desfeito morre e mata!

## 6

Vem! Rainha da noite, eu quero amar-te  
 Co'os rubros labios humidos de vinho!  
 Tremula em vida quero-te mais longe

Esse olhar que inebria,  
E que não rende essa embriaguez dos rizos  
Ao som de cantos o passar de um beijo —  
Nos labios fogo, o coração sedento  
No sussurrar da Orgia?

## 7

E pois que o meu desejo é na loucura —  
Vem, ó pallida bella  
Quero-te os beijos de mais alma e fogo...  
E hei de amar-te por ella...

## III

## 1

Vem, ó Walkiria, vem co'as faces roseas  
Da febre do prazer! transborde a taça  
Os liquidos rubins de doces vinhos!  
Bebe, primeiro! pouza os lisos labios  
Nas bordas do crystal! Fiquem mais doces  
Co'aroma de teu halito de fada —  
O Siciliano primoroso nectár. —  
Dá-mo agora — beberei-te um brinde!  
Onde minha guitarra? dêem'ma, eu quero  
Um cantico dizer, ebrio de amores!

Pousa-me a neve de teu braço em torno  
 Do collo meu, no meu olhar se fixem  
 Languidos, mui languidos, bem cheios  
 De feiticeiro enlouquecer teus olhos!

—  
 Que rosas abertas em fresca manhã  
 Molhadas da noite, de face lasciva —  
 Que valhão-te o nacar de nympha louçã  
 Que a bocca te aviva?

E quando na terra sôa Ave Maria,  
 Que estrella nascendo do céu no azular,  
 Que nuvem morrendo na vaga sombria  
 Que valha-te o olhar?

De Tasso ou de Dante que gloria, que loiros,  
 Que amores, que sonhos de alheiar o sizo,  
 De uns seios de neve que argenteos thesoiros  
 Que valhão-te um rizo?

Que sylphides, que anjos fingidos nos sonhos  
 De uma alma de poeta num fervido anejo  
 Que valhão-te um beijo?

## 2

Vem, pois, minha sultana! a noite é bella!  
 Corre a lua no céu entre perfumes,  
 Tudo falla de amores, o ar, as sombras



Das folhas ao luar, e o azul das aguas.  
Amemo-nos portanto — a noite é bella!  
Mais bella a tornem nossos longos beijos —  
Vem pois — formosa, que o Sultão escravo  
Pede-te ancioso um'hora de volupia.

## 3

Co'a face bella no meu quente seio  
Que fazes, muda assim? dormes, Sultana?  
Fraqueou-te o vinho, de cançada — a mente  
E dormes na embriaguez immensa idéa  
Dos termos do viver?

Oh! como és bella!

Dormida assim com entreabertos labios,  
Como rubins de uma romã partida  
Pelo estallar da madurez — purpureos,  
Chamando beijos no sonhar da vida?

## 4

Dorme, ó anjo de amor, teu quêdo somno  
Pelo anciar de meu peito acalentada;  
Mãos sonhos não virão pousar-te n'alma  
Em dôr de coração! Tepida a aragem  
Fagueira corre nas abertas flôres.  
Um raio de luar por entre os vidros,  
Da janella coado vem pousar-te  
Sobre a fronte nevada — dorme! e entanto  
Nesses teus labios que um sorrir descerra  
Como rosa á manhã, purpureos, breves,

Eu sonharei uns visos de ventura,  
E cá dentro do peito a dôr da vida  
Tambem me dormirá! dorme, meu anjo!  
Hei de affagar-te o somno, hei de doural-o  
Com hymnos mui sentidos, muito d'alma.

Dorme, ó anjo de amor, teu quêdo somno  
Aqui no peito meu! dorme que eu vélo!  
Cerrem-se tuas palpebras de jaspe!  
Em molle resomnar arfe-te o collo!  
Que os suspiros que exhalão-se-te nos labios  
Esse dos seios teus tremor suave  
Sonhe meu coração, e uma lagrima  
De gozo rolle-me do ardido cerebro  
Que a dôr na solidão me tem crestado!

Além a briza as casualinas freme,  
Gemedoras suspirão as ramagens  
Num languido soar — a lua frouxa  
A face te clareia — tudo dorme,  
Tudo é silencio em torno! só eu vélo  
Só eu — junto de ti. — Dorme, dorme,  
Que véla-te o cantor a hora dos sonhos!



CANTO I  
VIDA DA NOITE

---

And none did love him:  
CHILDE HAROLD.





## CANTO I

### I

#### SONETO

Um beijo ainda! os labios teus, donzella,  
Nos meus se pousem — junto de teu scio  
Que treme-te e palpita em doce enleio  
Beba eu o amor que teu olhar revela. —

Vem ainda uma vez! és pura e bella,  
Arfa-te o seio, amor n'olhos te leio...  
Que importa o mais? vem anjo, sem receio!  
Um beijo em tua face! ind'outro nella!

Aperta-me ao teu collo — assim. — um beijo  
Desses em que ao céo um'alma se transporta!...  
— « E o mundo?...  
— « Um louco.  
— « E o crime?  
— « Só te vejo.

— « Mas quando a vida em nós gelou-se morta

— « E o inferno?...

— « Comtigo eu o desejo.

— « E Deus?

— « Meu Deus és tú,

— « E o céu?

— « Que importa!

## II

Quero-te um beijo mais! que num só beijo  
 Exhala-se uma vida em uns rizonhos  
 Scismar gozos — e o labio teu me abraza  
 Me prende e mata o coração em sonhos!

Deixa que a fronte eu pouse-te no seio!  
 — É molle o somno em tão suave leito  
 E alma esquecida do soffrer, se embebe  
 E dorme em paz sem leve dôr no peito!

## III

Humido olhar de enlanguecidos olhos  
 Furtiva lagrima enevada d'entre  
 O véo dos cilios que o pudor abaixa,  
 Intenso beijo ao fremito dos labios  
 E um seio que palpita e em ais se afoga  
 Sob peito ardente — eis a unica ventura  
 Real e santa —

E o que mais na terra

O que mais de illusões, que como a nevoa  
 Do desengano o sol esvae e apaga,  
 Mentidos risos que perfumão alma.  
 Em sonhos ebrios que o acordar esmaga  
 E do fel rega de um chorar que queima,  
 Que mais da vida ao coração soffrido  
 De saudade de fel merece lagrimas?

## I

Era um quarto sumptuoso; o chão rojavão  
 Lucidas télas de avelludadas sedas  
 Dò Persico tapete. — Luz o marmore  
 No lavor dos portaes — quando engrinaldão  
 Com cheirosos festões de novas flôres.

O aberto reposteiro deixa a vista  
 Pela varanda a lua desvairar-se  
 Té que perde-se além entre os matizes  
 De viçosos jardins. —

É noite, é bella,  
 E as pilastras branqueia a briza fria.  
 P'los bordados reflexos do damasco  
 E das grinaldas ao olôr influem-se  
 O do ar cheiroso do luar tardio.

. . . . .  
 . . . . .

## II

Em rico leito, no velludo negro  
 Embuçado do manto pallideja  
 De uma sinistra morbidez eivada  
 A fronte alta do Conde, os olhos negros  
 Que das olheiras no azular se afundão  
 Signalão noite perpassada em gozos.  
 Tem a fronte na mão e mudo pensa.  
 Sentada ás bordas do macio leito  
 Uma bella mulher —

Inda lhe luta

Das faces na descôr desfeita rosa ;  
 Sorri suave. — Em ondas os cabellos  
 Correm-lhe negros nos nevados hombros  
 E no collo de jaspe — a mão mimosa  
 Pousa na do mancebo — e os olhos nelle. —

Dissereis uma estatua, immovel, bella  
 Como da Grecia as petreas creaturas ;  
 Nunca uma Venus de adestrado scopro  
 Sahiu tão alva assim — oh ! nunca um talhe  
 Em transparentes roupas mal velado,  
 Nunca tão lizas desvestidas fórmãs  
 Tiverão vida assim — e a mente ardida  
 Do moço Raphael a Fornarina  
 Com tal vida de côres nunca pôde  
 Dentre seus sonhos desenhar na téla,  
 E ao mundo revellar imos segredos  
 Do seu vivo ideal.

Oh ! que se a visse  
 Dir-te-hia o coração — vel-a é amal-a !



## III

E nunca ouviste, por ahi, na vida,  
 Fallar de umas mulheres que a flôr d'alma  
 Prostituem por ouro? nunca o peito  
 Abalou-te um rugir ouvindo os cantos  
 De tanta perdição? —

Mas talvez viste

Um dia á porta — ao bruxulear da tarde  
 C'os seios descobertos vir sentar-se  
 C'um forçado sorrir nos seccos labios  
 Do abjecto lupanar á porta infame  
 Desgrenhada mulher.

E então o nojo

Quiçá do peito teu apoderou-se...  
 Pois essas vis que a perdição enloda  
 Em charco apodrecido — e a esse nome  
 De vendida mulher — de prostituta  
 Ligaste o nojo e o desprezo — apenas.

Porém se a meretriz viesses tu bella  
 Como os anjos de Deus e á luz das noites  
 Em estrellado céu, rosea sorrindo  
 Qual cravo entre rubins vasando orvalho —  
 A não amal-a e o coração inteiro  
 Não vasares-lh'o aos pés como aureo vaso  
 De essencia preciosa — ao menos n'alma,  
 Não doera-te uma fibra, e compassiva  
 Não te cahira aos labios uma lagrima  
 N'um soluçar quebrado?

## IV

Era pois a mulher uma perdida  
O mancebo um poeta — alma quebrada  
Em fragoas do sonhar — que fôra ás noites  
De gozo queimador pedir repouzo  
Para a fronte febril. Amára as orgias  
Pois das taças á luz, ao som de cantos  
Como as amava o grande-rei de Byron  
(O mestre do viver — Sardanapalo —)  
Entre flores e beijos e perfumes  
— Tres cousas em que cifra-se a ventura  
Que não de louco sonhador — na terra —  
Dormia ás vezes embalado e quêdo  
No peito seu o recordar dos sonhos —  
Na mente a duvida e o fel nos labios.

Chamaram-n'o talvez prodigo e louco  
De orgias viverdor — e perdulario —  
*Virtuosos* do mundo...

Elle era rico —

Nas abertas gavetas ás mãos cheias  
Tirava o ouro. —

Amigos — não os tinha  
Como o Childe de Byron — mas ainda  
Desgosto amargo do viver — tão fundo  
Não lhe roera o coração — ainda,  
Embora elle o calasse, adormecidas  
Eram-lhe n'alma, apenas, essas fibras

Que estremecem de amor. —

Se o fêl do escarneo

Os desvairados labios lhe seccava

Se a ironia passava-lhe continua

Nas frias expressões — não é que gelo

Jazesse nelle o coração — nem que elle

Fosse como Timon de Athenas — esse

Mysanthropo dos bosques —

Não! que viram

Os penhascos do mar quando a deshoras

Por escuro luar vagava — o crino

Do silencio das noites isentando, —

O pallido estrangeiro as faces cheias

De queimadoras lagrimas... e o peito

Quasi em soluços a estallar co'a dextra

Comprimir arquejando...

E pois que digam

O que quizerem. — Mão ou bom o chamem,

Espirito perdido — arrebatado

Pela imaginação como o Propheta

No carro chamejante — ou mesmo chamem

Alma louca varrida... isso que importa?

## VI

Era elle rico pois — nascera nobre

Mas como poucos nascem, nobre n'alma

E por velhos brazões d'encoscorados

Pergaminhos que os tempos apagaram.

Porque a patria deixou, mudando o nome  
 Ninguem soube dizer-m'ô. — A côr dos olhos  
 E dos negros cabellos annellados,  
 A doçura da voz, rispida ás vezes,  
 — Poucas é certo — e o nariz delgado  
 E de talhe aquilino — o abrir dos labios  
 — Mil outras cousas que ninguem define.  
 Dizem-n'o filho de um ardente clima  
 Quiçá do sol d'Hespanha; — bem irmanam  
 Suas feições co'as das valentes raças  
 Dos cavalheiros Arabes fundidas  
 No sangue Wisigodo. — Mas de certo  
 Eu nada affirmarei — e pois ignoto  
 Do meu poema o nobre heróe desenho. —

## VII

Ergueu-se a linda, a languida mulher,  
 Uma e uma vibrou as cordas aureas  
 Da harpa melodiosa, e co'a mão breve  
 As madeixas lançou por sobre as costas  
 Que mais alvas ficaram p'lo negrume  
 Das reluzentes, copiosas ondas.—

. . . . .  
 Cantou; — da noite adormecidos echos  
 Da viração nas azas resoaram  
 O harmonico languor dos labios della.

## VIII

Era um cantar de delirante gozo —  
 Em deleites uma alma a transbordar-se  
 P'las soltas cordas d'harpa estremecida  
 Num unico tremor; eram delicias  
 De mavioso trovar, ás vezes, languido —  
 Era um som feiticeiro que prendia  
 Era de gozo embevecida, cheia  
 A vida a palpitar, alma a partir-se  
 Numa harmonia, numa voz fugindo.

Porém ás vezes férvidas vibravam  
 Sob os dedos de neve as duras cordas,  
 E indomito rugir corria livre  
 Como a briza do mar nas crespas vagas —  
 Ou noroeste que balança as arvores  
 Em fantastica dança, e vôa envolto  
 Em seu manto de pó zunindo bravo,  
     Varrendo da floresta as verdes folhas

· · · · ·  
 · · · · ·  
 Pendeu a face — suspirou — callou-lhe  
 No descerrado labio a voz aerea —  
 E a fronte envolta nos cabellos negros  
 Pousou na trave de sua harpa muda.

## IX

Disse-lhe o moço entre um sorrir:  
     « Que scisma  
 Minha bella o soido então gelou-te

Das cordas no pulsar? que idéa veio  
 Tua mente enlevar, roubar, leval-a  
 No seu vôo sem fim junto com ella,  
 — Como a nuvem no Céu, que enlaça e prende  
 Uma outra — e vôa, aos desabridos ventos  
 Abrindo as largas azas no horizonte.

—

« Choras! Longa uma lagrima te corre  
 No carmezim das faces... Porque choras?  
 Lembrou-te acaso o descantar do gozo  
 Algum primeiro — quasi findo sonho  
 De sacrosanto viso?

—

« Porque olhas-me assim? porque te oscilla  
 No velludo dos olhos uma lagrima?

—

« Porque olhas-me assim? Gemes, suspiras?  
 Sonhaste acaso meu amor? »

— « Sonhei-o

« E sonho foi do coração ».

— « Esquece-o

Que foi mentido sonho, idéa louca  
 Que negra te pouzou na flor dos seios.

. . . . .

« Ouve — corri a vida em longas dôres.  
A deshoras vaguei nos mares negros  
Da noite á escuridão abrindo as vélas  
Do rapido batel — fitei sosinho  
Da prôa solitaria o céu e os mares  
E os rochedos de além — nem alga ou lenho,  
Nem afastada luz, nem vulto branco  
Nas rochas e no mar — nem um luzido  
De desmaiada estrella em céos de tinta!  
Tudo deserto — terra e céu — sombrios  
Como o meu coração, mudez e trevas.

---

« Não amou-me ninguem! deixaram que  
Mirrasse uma existencia em sonhos gasta!  
Não amou-me ninguem! nem veio quem  
Ás minhas magoas soluçasse — Basta!

---

« Muito pranto chorei e cada gotta  
Ao tombar-me no seio endureceu-m'ó!  
Muito soluço de agonia insomne.  
Espedaçou-me o peito! — E longa vida,  
Em breve espaço me correu! — bem longa!  
E se os cabellos não branquearam todos  
No ardor febril da fronte — aqui no peito  
Gelou de velho o coração já rôto.

---

« Não chores — bem o vês — não posso amar-te!

---

« E andei por esse mundo a sós co'a magoa  
A doer-me nos seios como um cancro.  
Descri ; — pallido riso desmaiado  
Franziu-me os labios que estallára a febre.

Ninguem quizera amar-me — e endurecida  
A alma se me cerrou da vida aos sonhos.

---

« E ahi na vida quantas, quantas vezes  
Eu não vi esvaecer-se descorada  
Em meus beijos de fogo a imagem rapida  
Dos meus sonhos do céo — e após ao sonho  
Á vizão doce succeder gelada  
Triste realidade? — que em meus braços  
O anjo tornava-se mulher — e apenas  
A minha Deusa — esvaecida nuvem.

---

« Descri — como eu te disse — e quando veio  
Uma alma virgem p'ra vasar na minha  
Seus thesourós de amor e de caricias,  
Irmã do meu sentir — desconheci-a,  
Matei-lhe a flor do sonho — e ri-me della.

---



« E quantas flores desmaiadas, frias,  
Não cahiram-me aos pés, sem côr, nem vida!  
Como rosa que o vento desflorára!  
Quanta alma bella no intimo do seio  
Anhellante e ardente como o estio  
Não gelou meu sorrir? Eu ri-me dellas  
Com escarneo de fél — e tristes, pallidas  
Morreram como pombas — como flores  
Que um louco esperdiçou. — E não chorei-as  
Nem choro-as hoje que melhor lhes fôra  
O amor dos seraphins... pois eram santas!  
« E pois tu vês, mulher, não posso amar-te!  
O sentimento candido não posso  
Dar-t'ó, bella — mirrou-m'ó aqui no peito  
O gelido sarcasmo e o fél do escarneo ».

---

Tomou-a pela mão — junto com ella  
Caminhou por salões illuminados,  
Tapetados de flores. — Traja roupas  
De arrouxado velludo — e quando o manto  
No movimento se lh'entreabre, ao peito  
Sob a cambraia da camisa leve  
No livre respirar, se leem anceios.

. . . . .

Rumor confuso nos salões resôa  
Em brindes de festim, em gargalhadas  
De gargantas de neve e frescos labios.

---

Do reposteiro de damasco afasta,  
 O lavrado matiz de rosea seda  
 A mão alva do Conde. — Elle e a moça  
 Entraram ambos com geral applauso  
 Dos corados convivas.

—

Soam brindes,  
 Reboão nas abobadas das salas,  
 Mil saúdes ao Conde e á bella dama.

. . . . .  
 Coberta a fronte de cheirosa c'rôa  
 De madresilvas e jasmins tecida,  
 Com a taça na mão e olhar em fogo  
 Um mancebo se ergueu. Correm-lhe soltos  
 Sob os perfumes da grinalda airosa  
 Anneis castanhos refulgindo ás luzes  
 Dos lustres de crystal — a fronte larga  
 De candidez de neve, inda mais bella  
 Por sob as flores resplendendo erguida —  
 Tem altivez no olhar, risos nos labios,  
 E doce a voz no traduzir idéas.

I

« Deusa da noite, perfumada nympha,  
 De estremecido collo e olhos bellos,  
 Salve! formosa de ademan sereno  
 E na hora dos beijos, dos amores  
 E o seio a palpitar em terno enleio  
 Do vinho no vapor, vague-me em sonhos  
 Na mente o devaneio!

## 2

Inteira a vida hei-de sagrar-te, ó bella,  
Cantos de religião só tu me inspiras !  
Que importam côres de arrebóes sem nuvens ?  
Se eu vivo apenas quando tu deliras  
E hei-de rir e beber cantando á noite.  
Quero essa vida perpással-a em flores !  
Quero o alaúde perfumado em rozas.

## 3

Qu'importa áquelle que exhalou nas noites  
De blasphemia febril o ardor dos labios  
Vaporoso sonhar, versos insípidos,  
De sonhos juvenis mornos resabios ?  
E quando a morte me estender gelado,  
O somno irei dormir da noite immensa,  
E se sonhar — hão de sorrir-me idéas  
De gozo á treva densa.

## 4

E lá me estendam no torrão do campo  
— Mas sem soluços, nem pranteadas dôres —  
Co'as frescas rozas do festim na fronte  
Ainda turva ao saibo dos licôres !  
Na lagea negra que pezar-me ao corpo  
Nenhuma lettra cravem, ignorada  
No seu leito de pedra — minha vida  
Durma o somno do nada.

## 5

Sómente ás vezes sobre a fria lousa  
 Ruidosa passe a delirante orgia!  
 Se mortos sentem — o rumôr dos brindes,  
 Dos beijos o estallar, louca alegria  
 Hão-de-me ao peito despertar lembranças  
 De vida gasta em risos de mulher!...  
 E ahí que mais que valha uma saudade,  
 Um suspiro sequer? »

. . . . .

E alegre-se o festim na vozeria  
 Da infrene bacchanal. Alaga os peitos  
 Estremecida embriaguez suave —  
 É mais languido o olhar quando licôres  
 A idéa enleiam da mulher formosa.  
 É mais tremido o seio quando o aperta  
 Uma trémula mão, quando disfarces  
 O anhello do gozar desfaz em risos.

—

Vai louca a festa, os cantos se desatam  
 Cheios de febre, de anhellar ardente,  
 Cheiram mais os perfumes. — São mais bellas  
 Co'as faces vivas, e os cabellos soltos  
 Cobrindo a neve ao collo, e a roza ao hombro,  
 São mais lindas assim com olhos turvos  
 E labios anhellantes — as bellezas.

. . . . .

—

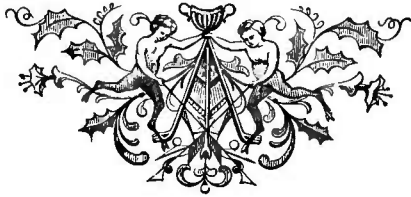
Sôam vozes na rua, cantos roucos  
Fallam de morte e de agonia extrema.  
Funebre lividez de tochas placidas  
E confuso murmurio — e passos lentos  
Soando nas calçadas — o cortejo  
Negro d'entorno de um caixão aberto  
E dentro branco e frio como marmore  
Coberto do sudario, as mãos unidas  
Onde o peito bateu — mas hoje é mudo,  
As palpebras grudadas — a figura  
Alongada p'la morte — vai deitado  
No aperto do athaúde um corpo d'homem.

---

Chegaram todos á janella a vel-o  
Com rir blasphemo sobre os impios labios,  
E a todos regelou no louco cerebro  
A embriaguez da orgia o sahimento  
E o medonho clarão que leva á cova  
Aquelle que morreu...

Só um mais louco  
Quiz reprimir o sentimento fundo —  
— « Um enterro! que admira? nunca vistes  
Gelar-se ao homem o calor da vida?  
Deixai o morto que se estire longo  
Pelo lençol da cal que fria o enlaiva.  
Morreu! que importa mais? materia apenas!  
Eil-o só podridão. Porque gelar-vos,

E os calices vermelhos sobre a mesa  
Nas horas do festim, deixal-os virgens?  
Eia, mancebos, empunhai as taças!  
Um brinde, um brinde, a esse que dormiu  
Somno fundo da morte em leito frio!  
Um brinde á hora dos torpôres humidos!  
    Á morte! aos mortos! »





## AGONIA NO CALVARIO

Vos omnes qui transitis per viam, attendite  
et videte si est dolor sicut dolor meus.

JEREMIAS.

### I

**E**SCURA a tarde e fria — o vento rijo  
Correndo pelos ares  
Pelo céu negro o vendaval resôa  
Uivando nos palmares.  
E affogueado listão de luz sanguenta  
A bruxulear incerto,  
Além pousa nos longes do horisonte  
Nos prainos do deserto.  
E o licôr no relampago azulado  
Lá brilha e morre além  
No rapido ondular branqueando os tectos  
Da impia Jerusalém.

### II

Além — um monte desrelvado e ermo  
Frio como um sudario!  
E em torno cruces, podridão, caveiras,  
Sem tumulto — o Calvario!

## III

E n'uma cruz pesada, aspera e dura  
Um corpo frio e pallido!  
Sangue negro em suor corre-lhe os membros,  
Prantos o rosto esqualido —  
E os longos negros crespos — que a poeira  
Das ruas polvilhára  
D'espinhos com ironico diadema  
A turba coroára!

## IV

Junto ao madeiro — e arrozada em prantos  
No véo d'ouro das tranças envolvida —  
Pallida a roza que lhe ornava as faces,  
Desmaiado o azul do olhar sem vida  
Que ardente pranto céga —  
Lá está Magdalena -- a flor impura  
Que o sôpro do Senhor tornára santa!  
E essa outra de joelhos, quem é ella  
Que o rosto occulta sob a negra manta  
E o chão de pranto rega?  
Silencio! a mãe de Deus é quem lá chora!  
Olhos cançados do prantear alçando,  
Anciosa por ouvir a voz suave  
Que em suspiros se corta — ainda orando  
Pelo povo infiel!



Oh! santa Virgem! flor que halito infame  
Do mundo não manchou! Santa Maria  
Das virgens d'Israel o anjo mais bello!  
Porque te affoga assim mar de agonia  
A alma cheia de fel?

## V

E ella inda lá está, immovel, triste,  
Pállida, em mudos prantos,  
Fervem-lhe os olhos solitarias lagrimas  
Ao ver que esses encantos  
Do filho amado, livido, sangrento,  
A morte os desbotou!  
Oh! qual ha coração que dizer possa  
Quanto ella chorou?  
Oh! qual alma, senão de mãe, entende  
Do pranto esse gemido,  
Que lhe queimava os desluzidos labios  
E o suspiro doído  
Que o seio lhe estallava em ferreas ancias?  
O' doce mãe de Deus!  
Perdôa ao impio que chorar não pôde  
Ao ver os prantos teus!

## VI

Toda a noite lá 'steve — ouviu-os todos  
Queimadores suspiros exhalados  
Dos roxos labios do divino martyr.  
No extranhar de agonisantes ancias

Ouviu-os todos e a cada um gemido  
No imo seio estallava-lhe uma fibra,  
E rapida nas faces lhe escorria  
Ardenete lagrima — e a noite toda,  
Sem o vento sentir que as azas frias  
Pairava negras pelo ar toldado,  
E a gelada saraiva e os relampagos  
Com luz de inferno desbotando os muros  
Da cidade culpada — a noite toda  
Lá jazeu ao relento — e em torno della  
O braço do Senhor quebrara as campas,  
E os lividos fantasmas á luz crebra  
Do fuzil infernal vagueavam torvos  
Nas mortalhas sangrentas embuçados!

E a noite toda — em lagrimas passára,  
Em duras preces a penar em dôres  
Que em durso morso descarnavam fibras  
Do corpo nú, de regelado sangue!  
Que os olhos baços lá da cruz infame  
Com descerrada bocca e a fronte pensa  
Rasgada pelas pontas dos espinhos  
Do zombador diadema do martyrio!

## VII

E o vento soluçava regemendo  
Nas rôtas folhas do palmar bravio!  
E com prantos de leão em roucas vozes  
Carpidor — o trovão bramava negro —

E a terra convulsada estremecia,  
E o som dos ventos e o troar das nuvens,  
E o convulsar do terremoto ao longe  
Eram ao mundo d'agonia um threno  
De negro desespero em frios labios!

## VIII

E Magdalena nas madeixas humidas  
Repassadas de pranto, o rosto frio  
Envolvia gemendo — e quando os olhos  
Á cruz erguia, ás vezes, vendo o corpo  
Da creatura divina, desse outr'ora  
Tão formoso Jesus — cortado e frio  
E humido todo de suor de sangue,  
E os olhos frios — já vidrados — fixos  
Onde gelaram lagrimas, alçados,  
Á escuridão do céu, ora baixados  
Á cidade maldita — Magdalena  
Gemebunda, em soluços affogada,  
Tremia e ardentes olhos lhe queimava  
Um pranto de cegar — em nuvem rubra!

## IX

E ás vezes o relampago das cintas  
Do deserto alvejando  
No calvo cerro illuminava as cruces  
E as mulheres chorando!

E era medonha a lividez das faces  
Na agonia da cruz!  
E essas estatuas de mulher, marmoreas,  
Branqueadas da luz!

## X

Em affogado soluço um ai quebrado  
Da aberta bocca do divino martyr  
Com a vida fugia!  
E a ultima voz no derradeiro alento  
Pelos algozes e descrida gente  
Perdão ao Pai pedia...

## XI

E lá ficaram ellas toda a noite  
No horror das trevas, no gemer dos ventos...

---

E ás vezes uma gotta despegava-se  
De sangue — do cadaver e escorria  
Pelo aspero madeiro humedecido,  
E as fronte rosciava em frio orvalho  
Dessas duas mulheres lá scsinhas —.



## CANTO II

### FEBRE

---

You are merry, my lord.  
Who ; I ?  
Ay, my lord,  
Oh your only gig-maker. What  
should a man do, but be merry ? ...

SHAKESPEARE,





## CANTO II

Hark! the lute  
The lyre, the timbrel, the lascivious twinklings  
of beeling instruments, the softening voices of women.

BYRON — *Sardanapalus*.

**C**ORRE alta a noite. E no auge vai a orgia ;  
Do mar na escuridão se abysma a lua  
A pratear as aguas que allumia.  
Perfumes, flores, a vertigem sua  
Nos salões a espalhar — reina em folia  
Lasciva a dança, voluptuosa e nua —  
Nos floridos tapetes se agitando  
— Servos na meza as taças corôando.

Leves roupas que o corpo transparece,  
As rozeas fôrmas quasi a nú mostrando,  
Humidos collos do suor que desce  
Por alabastro que olhos vai matando —  
Das rêdes d'oiro qual Ceréa messe  
As soltas louras tranças transbordando,  
Ou longos crespos negros no andar leve,  
Ondulando nos hombros côr de neve.

Cantos doces de amor que affogam beijos  
 D'ardentes labios — e nevados seios  
 Rociados de suor tremendo ancejos,  
 Languidos olhos transbordando enleios,  
 Vestes soltas no ardor d'ébrios desejos,  
 Abertos labios a matar receios —  
 Mulheres e a embriaguez das taças bellas  
 Que não ha a escolher a melhor dellas.

. . . . .  
 E após ébrio de vinho e amor n'um leito  
 Molle e juncado de macias flores  
 Jazer com a mais querida — peito a peito  
 No labio o labio della — as vivas côres  
 Ver desmaiar-lhe n'um beijar desfeito,  
 No seio della respirar amores...  
 Vida, ó madido sonho, de teus gozos  
 Quaes mais fortes, mais longos, mais formosos?!

## II

«Eu amo em luzes sem fim  
 O deslumbrante festim ;  
 Uma voz a descantar  
 Por uns labios de grenalda ;  
 Nas fronte rozea grinalda —  
 — Cheias taças d'esmeralda  
 De Johannisberg a brilhar!

E entre requebros da dança  
 Quando o peito offega e cansa  
 Da walsa ao longe soar,



E o chão lastra-se de flôres  
Dos beijos entre os ardores  
Sorver do vinho os fervores  
Do crystal a transbordar!

« E eu amo ter nos meus braços  
Em voluptuosos abraços  
Uma languida mulher!  
Beber-lhe os trémulos beijos,  
Vel-a morbida em ancejos,  
Quasi morta de desejos,  
O collo arfar-lhe e tremer.

Amo em vertigens da mente  
Sentir a mágoa dormente  
No imo d'alma arrefecer...  
Eu amo a louca alegria  
Danças, cantos e folia,  
E n'um beijo que inebria  
Vinho e amor — de amor morrer! »

### III

Com a taça na mão e a fronte alçada  
D'entusiasmo febril, co'as faces vivas  
De bacchico rubor cantou um jovem  
Essa canção de orgia. — Era formoso  
C'os olhos negros scintillando ardentes  
D'entre as pallidas palpebras; nos labios,

Que o fogo dos licores lhe crestára  
 Nadava-lhe um sorrir — a fronte pallida  
 Descoberta, alvejava-lhe sem rugas,  
 Como o seio de um lago — era formoso  
 Com o negro bigode a sombrear-lhe  
 Dos labios o vermelho !

Attentos, fixos

Pousava os olhos negros no mancebo  
 Candida fórma de mulher — sorria,  
 E o descerrado purpurear dos labios  
 Mostrava lindas feiticeiras perolas  
 De humido reluzir ; — as ondas negras  
 Dos cabellos prendião-lhe luzentes  
 Limpidos fios de diamantes trémulos,  
 Brilhando multi-côres, como estrellas  
 Em noite de verão — co'as mãos unidas  
 Olhava p'ra o mancebo e n'uns olhares  
 Mui languidos, a vida parecia  
 Em gozo, inteira lhe expirar no peito —  
 Bem como a sol dourado o seio aberto  
 Arfar-lhe patentêa em seus languores  
 Perfumosa e suave a flôr sedenta.

. . . . .

#### IV

Adormeceu-lhe, n'um cansado beijo  
 Inda abertos os labios, no seu peito  
 Ao mancebo cantor a moça bella. —

E ella era triste; e a lividez firmava  
 Pesada e quente sobre a mão — voltara-lhe  
 A mente e infindo lembrar de aggravos

« O corpo de suicida desalmado!  
 Quanta alma a transbordar de unção poetica  
 Anciosa e cheia de um amor, na terra  
 Não estallou-se com o ar do mundo  
 Como o ferreo vibrar de uma harpa as cordas!

Amizade! onde a viste? foi acaso  
 No escuro cemiterio de joelhos  
 Sobre o torrão que abriu a pá de fresco,  
 A regal-o de lagrimas?

Mentira!

Do campo frio a relva se humedece  
 Do orvalho e chuva e do urinar do negro  
 Tarpi-alo morcego e dos immundos  
 Frios reptis que passam lá — e apenas!

Não peças-me esses cantos — que é loucura!  
 Pede antes ao ciumento um riso terno,  
 Ao desprezado um descantar alegre,  
 Aos tigres um trinar, ao rouco abutre  
 Cevado em corrupção os ais da rôla. »

Calou-se — em torno emmudeceram todos.

. . . . .

## V

Olhou-os e sorriu — todo o desprezo  
 Que um olhar conter pôde elle lançou-o  
 A esses dormidos ébrios parasitas. —

Mais feliz que Timon — não fôra nenia  
 P'ra crêr-lhes no dizer — rira-se delles  
 Ao ouvil-os jurar — sentir infindo  
 Fundissima affeição de eterna dura...

. . . . .

## VI

Fôra-se ha muito a lua — mas a noite  
 O scintillar do céo tornara clara  
 De limpido fulgor — cahido o manto  
 — Com as dobras na mão sahira-se elle,  
 O Conde Lopo a passear ao fresco  
 Do ar livre dos campos.

O silencio  
 Si em derredor quebrava o som da aragem  
 Ou o accordado passaro fugindo  
 Nos ramos sussurrantes — ou ao longe  
 A's vezes o estridor rouco dos gallos  
 A perturbar o somno ao fiel guarda  
 Do quedado cazal — o cão domestico.

« No estremecer da orgia fui sentar-me  
Vivendo enlevos nos olhares húmidos  
E nos tremidos seios de mulheres  
Anhellantes de gozo — a ouvir os beijos,  
Sorvendo os lábios que o Xerez molhava  
• Com orvalho rubineo — os ares cheios  
De luz, cantos e odôr — o soalho roseo  
Das corôas de flôres por mãos tremulas  
• Soltas das frentes no ferver do enlace! —  
E nada me escaldou por muito a fronte  
Rápida — a embriaguez, a idéa funda  
Do meu fundo pensar de si varria!

. . . . .

« Não mais! não mais! prostitui meus lábios  
Em fríos beijos de mulher sem alma.  
Cortei eu mesmo o fio da ventura  
Que derradeiro ao céo prendia-me inda,  
Em lascivias de olhar exhalei toda  
Uma ardente poesia d'alma virgem!  
Ardor e vida — e sonhos que eu criava  
Nos refolhos do peito e uma e uma  
Da crença e do amor mirrâra as flôres!

« Não mais! as luzes tremulas da festa  
Quando envoltas no chão cansadas jazem  
Moças e flôres — e repletos dormem  
De amor e vinho — como cães — os ebrios,  
Descorados convivas, negros somnos —

Quando a mesa é deserta e humida tinge-se  
 A toalha do festim de nodos rubras  
 Dos copos derramados — quando os lustres  
 Á luz da madrugada oscillam pallidos ;  
 Então cançado adormecer se póde,  
 Meu doente coração. — Quedou-se um pouco  
 Aqui no fundo d'alma a dôr infinda  
 E esse ardor, que em suspiros me queimava  
 Os beiços meus, arrefeceu-me n'alma  
 Que o vinho embrutecêra... E após gelou-se!  
 Gelou-se! e hoje ao despertar do somno,  
 Inanyme e cançado — as faces pallidas —  
 E sem um sonho já nas noites d'alma,  
 Sem já uma esperança perfumada,  
 Qual um morto me achei!

---

« Não mais minh'alma!

Discerremos á vida esse meu peito  
 Qual flôr á viração — talvez que ainda  
 Alguma briza fresca perpassando  
 Co'as faces candidas me roce a fronte  
 E alguma perla que o roscio nella  
 Deixasse acaso — aqui me chova n'alma!

---

« Ainda uma vez! abre-te minh'alma,  
 Como a silvestre flôr do escuro brejo.  
 Quanta estrella no céu! á fresca noite  
 Pratêa-se a corôa; o campo é verde;

Desmaiado sorri o azul do empyreo.  
Eia! ainda uma vez! do monte as flôres  
Pezadas pendem c'os serenos frios.  
Ao ar da vida entreabre-te, meu peito!  
Talvez á alguma sylphide passando,  
• Vestindo nevoas, que banhou no lago  
As neves do seu corpo donairoso —  
Accorde compaixão a chaga tua!  
Talvez que n'um roçar da mão finissima  
A tu'alma se accorde inda á ventura  
Teu duvidar se vá!

Abre teus seios  
Minh'alma! A noite é pura, — amores falla,  
A aragem fresca — tudo dorme em roda.  
— Talvez possas chorar!... E é tão doce  
Tepida lagrima verter agora!  
Talvez desperte a lagrima no peito  
Um sonho melancolico! Inda triste  
É tão doce sonhar!

« Sonhar idéas  
Deliradas além! além! meus prantos!  
Porque mais chorarei? podera acaso  
Um cadaver se erguer? morreu-me o peito  
Não mais se accorderá — e pois que durma  
O eterno resomnar ahi — e quando  
Gelar-me de uma vez o ardor do peito  
Que envolto no sudario do sepulcro  
Sem sonhos, sem lembranças, nem saudades,  
Repouse para sempre! »

---

Na relva se estendeu no manto envolto  
Co'a cabeça a cobrir — talvez o corpo  
Pezado lhe dormia...

O pobre moço  
Fallou, mas desvairou. — Sabeis, que o vistes  
Com a taça nos labios, ledos brindes  
Lhe fizeram sorver em largos tragos  
Muito vinho Madeira. — Mais preciso  
Dir-vos-hei — elle estava um tanto alegre..  
Não direi — que vertigens o levavam  
Por idear sombrio ; — as beberagens .  
Lhe geraram na mente muitas larvas...  
Estava um tanto bebado — a palavra  
Se é poetica não sei — é expressiva  
— E tanto basta — sabeis pois — de tonto  
(Mas pouco) — apenas lhe vagueava o sizo.





# SEGUNDA PARTE



## CANTOS III E IV

Our life is twofold.





**S**ONHAR! em illuzões a mergulhar-se  
Como no verde azul do mar o Eider  
Do collo a candidez,  
Como nas luzes do coral da tarde  
O astro do anoitecer — um'alma inteira  
Em doce embriaguez,  
E apoz do aroma emballador dos lyrios  
Das nevoas do luar, das sombras tremulas  
Dos rizos de anjo bello —  
O estrebuchar da convulsão e o peito  
Arfando sob o enlace do demonio  
Febril do pesadello!

---



# INVOCACÃO





# INVOCAÇÃO

VARIAÇÕES EM TODAS AS CORDAS

## I

**A**LMA de fogo, coração de lavas,  
Mysterioso Bretão de ardentes sonhos  
Minha musa serás — poeta altivo  
Das brumas de Albion, fronte acendida  
Em turbido ferver! — a ti portanto,  
Errante trovador d'alma sombria,  
Do meu poema os delirantes versos!

## II

Foste poeta, Byron! a onda uivando  
Embalou-te o scismar — e ao som dos ventos  
Das selvaticas fibras de tua harpa  
Exhalou-se o rugir entre lamentos!

## III

De infrene inspiração a voz ardente  
Como o galope do corcel da Ukrania  
Em corrente febril que alaga o peito  
A quem não rouba o coração — ao ler-te?  
Foste Ariosto no correr dos versos,  
Foste Dante no canto tenebroso,  
Camões no amor e Tasso na doçura,  
Foste poeta, Byron!  
Foi-te a imaginação rápida nuvem  
Que arrasta o vento no rugir medonho —  
Foi-te a alma uma caudal a despenhar-se  
Das rochas negras em mugido immenso.  
Leste no seio, ao coração, o inferno,  
Como teu Manfred desfraldando á noite  
O escurecido véo. — E riste, Byron,  
Que do mundo o fingir merece apenas  
Negro sarcasmo em lábios de poeta.  
Foste poeta, Byron!

## IV

A ti meu canto pois — cantor das magoas  
De profunda agonia! — a ti meus hymnos,  
Poeta da tormenta — alma dormida  
Ao som do uivar das feras do oceano,  
Bardo sublimê das Britanias brumas!



## 1

Foi-te ferreo o viver — enigma a todos  
Foi o teu coração!

Da frente no pallor fervente em lavas  
Um genio ardente e fundo:

• O mundo não te amou e riste delle  
— Poeta — o que era-te o mundo?

Foste, Manfred, sonhar nas serras ermas  
Entre os tufões da noite —

E em teu Jungfrau — a mão da realidade  
As illusões quebrou-te!

Como um genio perdido — em rochas negras  
Paraste á beira-mar

Do escuro céo fallando ás nuvens, — solto  
O negro manto ao ar!

O mar bramio-te o hymno da borrasca

E em pé — no peito os braços —

O riso ironico — vinha o azul relampago  
T'esclareçer a espaços.

A frente núa o rorejar da noite

Frio — te humedecia

E ácima o céo — e além o mar te olhava

C'os olhos da ardentia!

## 2

As voluptias da noite descoraram-te

A frente enfebrecida

Em vinho e beijos — affogaste em gozo

Os teus sonhos da vida.

E sempre sem amor, vagaste sempre  
Pallido Don João!  
Sem alma que entendesse a dôr que o peito  
Te fizera em volcão!

## 3

Da absorta mente os sonhos te quebrava  
Do mundo o sussurrar.  
E foste livre refazer teu peito  
Ao ar livre do mar.  
E quando o barco d'alta noite aos ventos  
Entre as vagas corria  
E d'astro incerto o alvor te prateava  
A pallidez sombria,  
Era-te amor o pleitear das aguas  
Nos rochedos cavados —  
E amargo te franzia um rir de gozo  
Os labios descorados!

E amaste o vendaval, que as folhas trémulas  
Das florestas varria —  
E o mar — alto a rugir — que a ouvil-o, a fronte  
Altiva se te erguia!  
E amaste negro o céu, — o mar — a noite  
E entre a noite — o trovão  
N'um craneo zombador brindaste aos mortos  
Cantor da destruição!

## 4

E um dia as faces desbotou-te a morte  
De alvor, frio e lethal —  
Derão-te em preza aos vermes — Mas que importa  
Se é teu nome immortal?

Se foste sobranceiro na peleja  
Como o fôras nos cantos —  
Se o grego littoral e o mar que o banha  
Por ti beberão prantos? —  
Se do levante as virações correndo  
Nos mares orientaes  
Derão-te nenias no sussurro tremulo,  
Byron, se o nome teu lembra um espirito  
Das glórias decahido,  
E fez-te o coração os teus poemas  
De coração perdido,  
Se co'a dôr de teus hymnos sympathisão  
D'uma alma os turvos imos  
E o teu sarcasmo queimador consola  
E contigo sorrimos?

## 5

Vem, pois, poeta amargo da descrença,  
Meu Lara vagabundo —  
E co'a taça na mão e o fel nos labios  
Zombaremos do mundo!





CANTO III

FLORES DO LUAR

---

Branças no céu accendem-se as estrellas  
Doce a aragem perde-se entre as flores  
Sonha! canta! e suspira, ó meu poeta!

*Aldo* (DE G. SAND)





## PRELUDIOS

Dreams! dreams! dreams  
W. COWPER

**E**u sonhei tanto amor e tanta gloria!  
A minha fronte de laureis cingida  
E uma aureola de luz, sublimes versos  
Amores e ventura aqui na vida!

---

E ella, o anjo do céo que eu sonhei tanto,  
Ella junto de mim sorrindo amores!  
Aeria musica a sôar — balsamicos  
Os ares de mil flôres!

---

E ella, o anjo do céo que sonhei tanto,  
A contar-me seus sonhos de outra vida —  
Nós dous sozinhos em viver deserto  
Com alma a tudo mais ensurdecida!

---

E ella perto de mim, longe do mundo,  
Em campinas de flôres junto a um lago;  
E ella perto de mim, no céo, nos sonhos,  
Na vida — em beijo mago!

Que bellos sonhos! que de amores santos  
Que extases magicos em que eu vivi!  
E esse amor de vizões, de reza e lagrimas  
Minha vida de sonhos, — só por ti!

Quanto, quanto te amei! olha-me a face  
Queimada pelos prantos que eu verti!  
Vê o meu peito que matou-se em sonhos  
Anjo ou mulher! — por ti.

Oh! desce lá do céo, anjo da vida  
Só visto em sonhos, só amado em prantos!  
E tu serás na terra — aqui — minh'alma,  
Em meu penar meus ultimos encantos!

E em troca do teu céo dar-te-hei meu peito  
Amor e sonhos de que só vivi!  
Poeta — acordarei meus hymnos d'alma  
Os mais ternos — por ti!

E eu sonhei tanto amor e tanta gloria!  
Tantas vizões de pensativas bellas,  
E tanto olhar de languidez divina,  
E tanto amor de pallidas donzellas!



No azul dos olhos entrevi-te lagrimas,  
Da fronte na descôr sonhei-te dôres,  
E nos palpites de teu collo d'anjo  
Sentir — como das flôres...

Oh! descesses do céu que eu fôra vate  
Como nem Dante nem Camões sonháram!  
Soberba a fronte sobranceira erguida  
Glorias e nobres louros me ensombraram!

Dos seraphins nem os amores puros  
Esse igualão que n'alma eu accendi  
E amor — sonhos — a vida — a eternidade  
Tudo! tudo! por ti!

Oh! desce lá do céu e hei de amar-te,  
Ser teu como nem sonha-se na vida!  
Com alma e vida inteira e de joelhos  
Com a mente de amor endoudecida!

E se é mister que eu morra, diz-m'ó anjo!  
E quebro a vida que por ti vivi!  
Se é preciso penar venha a tortura  
O inferno — só por ti!

---

E eu sonhei tanto amor e tanta gloria!  
Beijos 'de puros talismans tão cheios,  
Tantos laureis de menestrel sublime  
E a vida exhausta n'um scismar enleios!

. . . . .

Erão sonhos... não mais! — Porém embora!  
Sonho é sempre o prazer, sempre mentira!  
E pois sonhemos té que estallem todas  
Fibras do coração, cordas da lyra!





## CANTO III

### I

**B**ALANÇA-SE NO céo como dormida,  
Vertendo chuva de clarões fulgentes,  
Pallida a lua no docel argenteo  
Das limpidas estrellas — qual na fronte  
De formosa rainha scintillante  
Furta-côres diadema adamantino !  
Véo de noiva, a prender, solto a cahir-lhe  
Em flôres de lavor no mago collo.  
Canta a briza no valle enflorescido  
E estendida na vaga transparente  
Do manso correjo de areias d'ouro  
Parece suspirar. —  
Ninguém nos campos — tão sómente um vulto  
Do lago ás márgens — n'um baixel immovel  
Do felpudo gibão na lâ envolto  
Bom somno a resomnar.

---

E em cada folha do arrelvado plaino  
 Da noite na humidade mira a lua  
 Um pallido fulgor ; em cada volta  
 Do encrespado arroio, em cada ruga,  
 Do seio manso que estremece a briza  
 — Com seus beijos — do lago adormecido  
 Uma fita de prata se desdobra...  
 E a agua do lago que se move leve  
 Ao quebrar-se no barco se branqueia  
 De prateado ferver —

Que noite bella !

## II

Eu amo a lua pallida passando  
 Na fulgencia do céu por entre alvares  
     Qual entre nevoas  
 De assombrado jardim — deslisa, envolto,  
 Em roupas niveas, um fantasma á noite !  
 Alma de virgem, no dizer do povo,  
 Voltando sempre ao descahir das sombras  
 Candida e fria com os labios alvos  
 Estremecidos n'um fallar mimoso,  
 As sombras desflorando aérea e leve.

---

Eu amo a lua pallida, sozinha  
 A s'escôar entre a mudez dos astros  
 Aqui e alli occulta em véo de nevoas  
 Que o halito das brizas adelgaçam,

Melancolica sempre — qual sentada  
No solitario barbacan de pedra  
Do gothico torreão, loura donzella  
Saudades a scismar, ouvindo ao longe  
De erradio cantor as tróvas soltas  
Que a viração da noite, esvai, confunde,  
Co'os suspiros do valle. —

Eu amo a lua pallida nascendo  
Ou morrendo no mar, listando as vagas  
D'auri-argenteo clarão — ou entre as folhas  
Da floresta sombria s'escondendo  
Partindo — sem adeus e sem saudade.

Eu amo a lua pallida, alta noite,  
Quando tudo é silencio — e desgarrado  
Vago dos campos na mudez, sozinho,  
Ao languido pallor das luzes d'ella ;  
Sentindo o peito se enlevar sorvendo  
Os halitos da aragem que me envolve  
Como braços de virgem : — Amo a lua...  
Alviçsima passando entre o silencio  
Na fulgencia do céu limpido e claro  
Semeado d'estrellas !

### III

Além, lá muito além, na cumiada  
De um monte que o luar de luzes banha  
Alveja um vulto — a face lhe esclarece  
A estremecida luz da lua a pino.

No negro dos cabellos lhe reluzem  
 Perolas de sereno — a face pallida  
 Á lua pallida se volve absorto  
 Em profundo scismar!

Que alma de trovador foi lá sentar-se  
 Nas rochas da montanha erma e varrida  
 Pelos caudaes do tormentoso inverno,  
 Na pedra núa onde não brotão verdes?  
 D'erguida, sobranceira fórma altiva  
 Destacando-se á luz do céu — da lyra  
 Pulsando a fibra mais sublime e agreste  
 Que alma de trovador?

## IV

Passo a passo desceu — no céu os olhos  
 Entre as cordas do asperrimo penhasco  
 Do monte o sonhador — O Conde Lopo.

De cada flôr que ao pé se debruçava  
 Cheirosa e pura a estremecer molhada  
 Do trilho seu — cortava, e a reunia  
 Ao ramalhete de selvagens flôres  
 Que guardava no peito. —

E além das sombras  
 Do arvoredado sombrio branqueava  
 Nebulosa visão de aerias fórmas  
 Como visão de cerebro — poeta  
 Em sonho incerto, imaginado apenas. —

Ella se adiantou — mostrou-a a lua  
 Candida apparição de niveos hombros  
 Que alagão, doirão, ondeadas tranças  
 Do aureo — solto cabello : tenue e leve  
 Co'os encruzados braços côr de jaspe  
 Postos sobre o ancian dos seios virgens  
 Que elevão-se, arfão, só o alvor das roupas  
 Das estrellas á luz, no céu da noite  
 Fitando a lua — junto a um lago argenteo  
 Immoavel como estatua. —

Viu-a o Conde

E os esvaecidos sonhos lhe adejãrão  
 De romantico amor em torno á mente  
 Uns amores de sylphide mui ternos  
 Muito cheios do céu, sonhou gozal-os —  
 Sonhou a apparição um anjo niveo  
 Que baixára do Eden — n'um suspiro  
 Essas vozes soltou —

« Ah! no que scismas

Seraphim do luar? Teus labios puros  
 Como o rubor do anemone entreaberto  
 Em manhã de verão, porque discerra-os,  
 Tristissimo sorrir, que o alvor enfeita  
 De teus dentes de perola? em que scismas?

« Pensas acaso no morrer da lua

Que alem se esconde e argenta as folhas negras  
 Dos silvosos cabeços da montanha?  
 Bem como ella a morrer cahindo em leito

De nevoas suavissimas, acaso  
 Morreu-te n'alma uma illusão criada  
 Com teu amor de virgem? algum sonho  
 Mui querido e sonhado entre sorrizos  
 E perfumes de flôres?

« Em que scismas

Candida apparição, pousando immovel  
 Da humida relva na folhagem fria,  
 Como um tapiz macio os pés mimosos;  
 Como estatua de jaspe reflectida  
 No azul das aguas, que o fulgor semeia  
 Das estrellas do céo e dos extremos  
 Raios de luz da morrediça lua  
 Co'um tremido luzir de alvor de prata?

« E no que scismas, anjo meu?

A vida

Vês-la toda poesia, danças, flôres,  
 A nuvem do arrebol leva-te em sonhos  
 No cheiroso regaço adormecida.  
 Sozinha á noite pelo céo vagueias  
 Quando sem nuvens o luar desliza  
 Com tua harpa na mão. —

Anjos sómente

E a estrella a scintillar ouvem-te os cantos  
 Que os labios te evaporam. — Só as brizas  
 E os sussurros da vaga te acompanhão  
 E de tardio barco, o remo ás vezes,  
 A deshoras quebrando as aguas lizas



Da noite na mudez. — Aos pés te dormem  
As cidades que o som do oceano emballa.  
Em mar de prata negro promontorio  
Aqui e além, da lua embranquecido.  
E tudo dorme — nas folhagens humidas  
Que o orvalho de aljofares branqueára  
As aves sonhão... E visão suave  
Com tua harpa na mão vós cantando.

« E no que pensas, anjo meu? Se a vida  
Póde ser mel aos labios cá na terra,  
A quem mais do — que a ti? Aerias vozes  
Fallão-te as flôres — a linguagem terna  
Das aves da soidão é-te uma lingua  
Que tu entendes só — e cada estrella  
Que te fita do céo falla-te, e n'alma  
Decifras-lhe o fallar — e os raios humidos  
Do seu virgem luzir cr'oam-te a fronte.

---

« E no que scismas? viste ahi na terra  
Alguma face pallida embebida  
Em amargo pensar que te acordasse  
Do amor no seio teu alguma fibra?  
Amaste? amas acaso? Oh! então chora!  
Oh! muitas, muitas lagrimas te corram  
Nas faces descoradas pela mágoa!  
No aberto labio teu, quebrem-se e morram  
Tristissimos suspiros! — Chora! chora!

« Ah! não deixes que amor de impura chamma  
Com seu febril queimar te mate as rozas  
Que luzem-te nas faces! Nunca uns labios  
N'um beijo a delirar murchem-te as flôres  
Alvissimas da c'rôá de candura  
Que a mão de Deus te perfumou na fronte!

---

« Não te deixes amar de amor infame —  
Não te deixes amar! Sê anjo sempre!  
Virgem e casta em teu sonhar sem mancha!  
Guarda-te como a flôr aberta n'agua  
De regato mimoso d'orlas verdes —  
Como estrella no esmalte a luzir tremula  
Do céo d'estio —

Nos teus sonhos, dorme!

Em rôxas nuvens d'illuzão sorrindo  
Olhe-te sempre o teu porvir! Não queiras,  
Não te deixes amar, que amor na terra  
É sonho falso e vão — que amor é como  
Aureo sol de verão que estala os vinculos  
Da virgindade á flôr — abre-a, perfuma-a,  
Beija-lhe o seio roseo — e a flôr coitada  
Adormece em volupias embebida  
Desses beijos de amor... e treme, e toda  
Abalam-se-lhe n'alma as tenues fibras!

---

E demora-se apoz e pende a fronte  
Voltada para o chão, murcha-se e morre...  
E uma e uma empallescidas petalas  
Do regaço lhe cahem, como espr'anças  
Fugindo ao infeliz — e ao sol que importa  
Que inteira a flôr se desfolhasse pallida  
Dos seus beijos no ardor?...

« E no que scismas  
Meu anjo d'oiro? porque assim immovel  
Do teu olhar o azul nos céos parado  
Com as estrellas conversar parece?  
Sonhar, enlevos, na mudez do campo  
Da noite no regaço, porque vieste?  
Porque esse meigo, languido suspiro  
Dos seios de crystal fugiu-te aos labios  
Perfumoso morrer?  
Da noite ás nevoas á solidão calada  
Cantando arcanos de escondidas mágoas? »

## V

A vizão não fallou — Levou os passos  
Para o moço poeta, a mão divina  
Na mão d'elle depôz — disse baixinho  
Aos seus ouvidos murmuradas vozes.  
O que foi eu não sei — E foram-se ambos  
Do lago á borda do baixel escuro  
Ao dormido patrão — elle acordou-se...

LOPO

Solta a barca, patrão! A noite é bella  
 Quero me ir deslizar por esse vidro  
 Do lago adormecido. — Quanto á paga,  
 Não trago bolsa — Esse collar comtudo  
 Vale dinheiro qual jámais contaste —  
 Toma-o.

BARQUEIRO

Mas se o collar é tão precioso  
 — Rica é a pedraria reluzente  
 Como a Venus da noite — recebello  
 Hei eu medo, Senhor, porque d'inveja  
 Não digam que o roubei.

LOPO

O Conde Lopo

Dize — foi quem t'o deu. —

BARQUEIRO

O Conde Lopo!

Esse mancebo pallido que a vida  
 Leva alegre em festins, ardendo em noites  
 O herdado cabedal?

LOPO

Cala-te! É elle.

E o barco escorregou por sobre as aguas  
 Como a gaivota branca no mar alto.

## VI

Oh! quem dissera o exprimir immenso  
Do fixo e mudo olhar, que a elles ambos  
Em um enleio só — arrebatava?  
Quem na aridez das linguas traduzisse  
O quanto devaneio lhes corria  
Então na idéa d'ouro da ventura?  
Quem definisse o estremecer mimoso  
Das mãos da virgem alva nas mãos d'elle,  
E o condão do sorrir nos lizos labios  
Da nivea creatura pensativa?

---

Fundira-se-lhe o gelo da descrença  
No peito ao Conde Lopo ao sol dos olhos  
Do anjo enternecido — a febre intensa  
Que lhe roía o desvairado cerebro  
Placida lhe calinou — no peito exausto  
Os pulmões livremente lhe arquejaram!...

---

Fundira-se-lhe o gelo da descrença!  
Amava — e amar é crer — já não pensava  
Nessas fugidas illuzões mentidas  
Que em chumbo ardente lhe tornaram a alma.  
E cria pois e ancioso respirava  
Pelos soffregos labios o ar da vida —  
Pareceu-lhe que a noite era mais bella

Mais scintillante o céo — mais doce o bafo  
Das aragens do ar girando em volta. —  
De novo parecia-lhe que a vida  
Começava a viver — tudo era gozo,  
Tudo amor junto della — o ar do lago,  
O véo da nevoa a repousar nas aguas,  
O azulejar do empyreo dentre os ramos  
Do arvoredó ciciador da margem,  
E esse silencio que de noite estende-se  
Pelas varzeas dormentes, só quebrado  
Pelo escoar da briza — em cada folha  
A murmurar um som de canto aereo...  
Oh! tudo era tão bello! a alma — poeta  
N'um canto lhe acordou também n'ess'hora  
E as campinas attentas o escutaram.

---

Qual elle foi não o direi — não podem  
Pallidas rimas traduzir enlevos  
D'alma divinizada. — Só os anjos  
Co'a voz suave no frescor do empyreo  
Sabem hymnos assim soar nos labios!

Era um cantar como esse que nos sonhos  
Resôa ás vezes no arroubado ouvido,  
Poetisado em não sabidos metros  
Dos homens cá na terra... só os echos

Do verde Paraiso onde a ventura  
Assim lhe deslizou dizer poderam  
Quanto era o enfeitiçar cheio d'encantos  
D'enlevada magia!

---

Em que mar d'illuzões não divagou-lhe  
Em ébrios cantos que exhalou sentida  
A sua transbordada phantasia!  
Que sonhos de poeta d'alta fronte,  
Envolta em louros — em vizão querida  
De ardente poesia

Como as nuvens do céu regadas d'ouro  
Lhe não devanearam no delirio?  
Em gozo — aberta a tremular-lhe vida,  
N'um quebranto a sorrir nos labios soffregos  
Era alma em flôres divagar perdida  
Tendo no seio o empyreo!

---

Oh! que sonhos! que sonhos! que delicias!  
Tremulo o coração a derreter-se  
Em quebrantos do céu! tepido o peito  
Com a aragem dos sonhos! que harmonias  
Que delicia, meu Deus! d'embevecer-se  
A scismal-a, desfeito  
Em amor, em desejo, em mil ternuras  
O cerebro emballado e delirante!

Que cantico de amor! (anjos que o ouviram  
 Foram contal-o ao chrysocal da tarde  
 De nuvens côr de rosa — e ellas sorriram!...)  
 — Que vida n'um instante!

---

Oh! que anjo de azas brancas nessa hora  
 Que lhe pouzasse em frente e não sentisse  
 Humedecer-lhe o azul dos olhos limpidos  
 Uma suave lagrima  
 A ouvir-lhe a melodia — e n'alva fronte  
 Sob véo de pallidez lhe não sonhasse  
 Uma alma arder-lhe em borbotões de genio,  
 Anciando apenas perfumar um seio  
 De sylphide do céu co'essa fragancia  
 Que sentia de mais dentro do peito;  
 Ver um languido olhar de fixos olhos  
 Sob o véo leve dos dourados cilios  
 Parado sobre o seu, e co'as mão postas  
 Co'os joelhos no chão amal-a e a ver-lhe  
 Mil e mil vezes o candor — á bella  
 Imagem lá do céu — morrer de anhellos!?

. . . . .

## VII

Á sylphide correu nos roseos labios  
 Em magico adejar um rizo doce —  
 E o trovador sentiu todo embeber-se  
 O fundo peito nesse mel de um rizo.

---



Tomou-lhe a harpa das mãos, os dedos niveos  
 Sobre ella deslizou nas cordas d'oiro  
 E no melodico soar das fibras  
 E das brizas do ar soltou dos labios  
 Um canto como sóem alta noite  
 Em ermo descampado aonde as arvores  
 Em cada folha acendem um luzeiro  
 De côr esmeraldina, as fadas louras  
 Com transparentes roupas — balançando-se  
 Co'as verdes azas do luar nos raios  
 Entre o sorrir das feiticeiras danças  
 Que não ha a homem vel-as, como sóem  
 Então as fadas descantar alegres  
 Os seus gorgeios magicos — durou-lhe  
 Longo o soído nos floridos labios.

—  
 A agua do lago azul calou-se a ouvil-a,  
 As ramagens das ribas se estenderam,  
 As alvas nuvens se baixaram leves  
 E a briza emudeceu para escutal-a.

. . . . .  
 E n'um rapto de gozo céga a vista  
 Que lagrimas turvavam — o mancebo

De joelhos a ouvia —

Nem um palpito no elevar do peito,  
 Nem um arfar ao soluçar dos labios

Abafado fugia !

. . . . .  
 . . . . .

## VIII

Foi um sonho — não mais — e como um sonho  
Subito esvaeceu-se a fôrma aëria  
Da branca apparição — rizos e cantos,  
Tudo isso se findou bem como a nevoa  
Aos clarões da manhã... a bella imagem  
A estatua bella do seu lago d'alma  
Fugiu-lhe... Foi um sonho, mas qu'importa?  
Embora fosse n'um mentido gozo  
Se o peito lhe gozou, se inda por pouco  
O pulmão respirou-lhe um ar mais puro  
Que o da peste da terra — um ar d'influxos  
Doce como o do céu?



# CANTO IV

## FANTASMAGORIAS

---

Perhaps that skull so horrid to view  
Was some fair maid's...  
These hollow sockets two bright orbs contained  
Where the loves sported and in triumph reigned  
Here glow'd the lips; there white as Turian stone  
The teeth disposed in beauteous order shone...

MOORE (*of Cornwall*)

How now, Horatio? you tremble and look pale :  
Is not this something more than phantasy?  
What think you of it?

*Hamlet — Act. I*





## CANTO IV

### I

A change came on the spirit of my dream  
BYRON.

Away ! Away !  
B. MAZZEPA.

**E**o sonho transformou-se-lhe —  
Corria

N'um rapido corsel cuja brancura  
Reluzia nas trévas, entre a densa  
Escuridão da noite, como phosphoro,  
Com um fulgir de seda tremulante.

Dos olhos do corsel partiam lumes  
De vermelho fulgor ; as largas ventas  
Fumavão resoando — As longas crinas  
Soltas ao vento, floreadas, tremulas  
Refulgiam nas tenebras, mas pallidas  
Como um perfil de morto. — E elle corria

A largo galopar faiscando as pedras  
Com scintellas de fogo — e o pó em torno  
Como uma nuvem lhe seguia o rasto,  
Trazendo ao phantaziar idéas torvas  
De espiritos dormidos no caminho,  
Que o pizo ferreo do cavallo fôra  
Do somno despertar, e como lobos  
Nos gelos da Sarmacia — enfurecidos  
Seguem-lhe os passos rapidos — uivando!

## II

E o ginete corria sem cansaço  
Sem que morno suor do branco pello  
Gottejasse sequer — mas frio sempre!  
Tão frio que o mancebo quando ás vezes  
No insano galopar chegava ás curvas  
P'ra segurar-se nelle — pelos ossos  
Sentia gelo lhe escorrer...

E sempre

O livido corsel por entre as sombras  
Saltando os precipicios — como um gamo  
A escalar rochedos — como uma ave  
Na infinda rapidez cortando os ares  
— E como o vento a ultrapassar ligeiro  
Montes e valles — como um pétrel n'agua  
Do Oceano frio a galopar tão rapido  
Como no praino dos compridos valles.

## III

E a cada volta vinha um companheiro  
Com elle emparelhar — d'alvor luzente  
E juntos caminhavam em fileira  
Em louco disparar saltando os rios,  
E fuzilando no passar as rochas  
Dos alvos dorsos dos escuros serros.

## IV

Era n'um largo deshervado campo —  
Perde-se a vista sem lhe achar limites —  
Aqui e alli — nos montes — cada pincaro  
Tinha um rubro volcão por c'rôa régia  
A cingir-lhe o cabeçaço — clarão feio  
De sanguineo fulgir treme nos ares  
Offuscador; — e o céu além é negro  
De turbido esfumar. —

Compridas horas

Çorreram pelo campo entre as fogueiras  
Que a mão do inferno collocou no tampo  
Dos negros serros nús — e a tropa cresce  
Dos rapidos corceis varrendo o espaço  
Em infinda fileira. — O olhar não póde  
Quantos sejam dizer; que o termo perde-se  
De cada lado no estridor dos passos  
E na alvura das sombras que cavalgam  
Os tetricos corceis. —

E sempre e sempre  
9

Como se Deus ou se Satam dissesse-lhes :  
 « Correi sem mais parar ! » — os gigantescos  
 Lividos animaes vôam ao longe  
 O espaço a devorar co'os largos membros...

Parecia esse um cavalgar de mortos  
 Tanto era o silencio — Os cavalleiros  
 Dos pallidos cavallos envolviam  
 Longos brancos vestidos, que a violencia  
 Da corrida arrastava longe delles.  
 Comprido denso véo lhes encobria  
 (Bem como o lenço que se lança á face  
 Daquelle que morreu e jaz na cova  
 Antes da cal o vulto embranquecer-lhe)  
 As fórmas do semblante, mas o vento  
 Que as dobras lhe fixava sobre o rosto  
 Só descarnados ossos desenhava,  
 Como saliencias de caveira secca  
 N'alvura desse véo. —

Os cavalleiros

Eram — certo — fantasmas — que um máo cheiro  
 Como de sepulturas baforava  
 As faces do mancebo. —

## V

Era n'um campo

Cujo verdor luzia como as côres —  
 Do sol transparecendo entre esmeraldas  
 Sahia a luz das côres da campina ;



E nem se via o céu — docel immenso  
De floreas trepadeiras enlaçadas  
Inteiro o encobria, salvo — ás vezes  
Em alguns intervallos dessa tenda  
De floridos verdumes : — E dentr'essas  
Abertas — se estendia o céu corado  
Com reluzir de fogo em denso esmalte.  
As estrellas pendiam, fracas, tremulas,  
E mortas no rubor do céu — ou vivas  
Semelhavam carbunculos vermelhos —  
Olhos de serpe lá de cima olhando  
O scintillar do valle ! —

Ao Conde Lopo

Pouco medroso embora e cavalleiro  
A montaria desprazia um tanto —  
Esse correr em animaes de gelo  
Assombrava-o um pouco e mais ainda  
A muda companhia que levava.

---

O vento frio em frente lhe soprando  
Parecia arrancar-lhe á fronte os crespos.  
Mal podia pensar, — o nunca findo  
Disparar dos cavallos lhe tolhia  
A voz nos labios — e demais quando elle  
Quizesse conversar, ninguem lhe ouvira  
E não lhe respondera — Que os phantasmas  
Immoveis nos sellins bem semelhavam

A não serem de pedra, serem mudos —  
Calou-se elle portanto. Nem por isso  
Em socego maior julgou a mente.

---

Desabrido voava (que esse passo  
Nada tinha de andar nem de corrida)  
Sempre o frio corsel! Quiz atirar-se  
Abaixo d'elle — e se estender na estrada  
A descançar fadigas — mas a altura  
Do monstruoso animal tornou-lhe ardua  
A arriscada descida. E além disso  
Voltando a face á pallida garupa  
Do maldito demonio viu ao longe,  
Á esmeraldina luz e ao fusco brilho  
Do campo que tremia, inda outras filas  
Das vistas no perder seguirem rapidas  
A primeira em que ell'ia. — Era pois arduo  
E arriscado descer — talvez pisassem-no  
As rapidas parelhas que atraz vinham —  
Ou lhe tostasse as fatigadas costas  
A alta relva que em fogo parecia.

## VI

Absorto no pensar — A féra infrene,  
Que como o Ukranio potro de Mazzepa,  
O arrebatava tanto pelos ares  
Aos verdes o arrojou. —

Cahiu em terra  
Atordado o moço mal-cahido

Co'a idéa turva a lhe voltear na mente  
Em ebria contradança — qual de inglezes  
No frenesi de um baile, o acanhamento  
Pelo ponche á romana esvaecido,  
Vão as ruivas Myladies requebradas  
Desfeitas em momices. — Tudo em torno  
Parecia mover-se em roda viva  
Como a volta afinal de longa dança  
Dos gnomos careteiros nas liseiras  
De assombrada floresta...

E sobre o peito

Sentia elle pezarem — como pedras  
Roladas por demonios — os cavallos  
Correndo a galopar — e lhe esturgiam  
As estalladas frias gargalhadas  
Dos cobertos fantasmas cavalleiros  
No ouvido atordoado. —

Longas horas

Gastou para passar a turba-multa  
Dos cavallos gigantes — Mal volvia-se  
Para um lado o mancebo e vinha um solto  
Desenfreado bruto desvairado  
A passar-lhe por cima — Nas vertigens  
Da idéa a intensidade desmaiou-lhe.  
E elle jazeu no chão sem movimento,  
Como um cadaver não, pois lhe era quente  
Ainda o coração, mas como um bebado  
Estendido na quina enlameada  
De tortuoso becco — bem dormido.

## VII

Sentiu elle que as pernas lhe puxavam  
 Com um sacco p'la bocca — o corpo todo  
 Parecia-lhe cobrirem — grãos de chumbo  
 Que andassem sobre pés como besouros.  
 Abriu os olhos turvos — viu entorno  
 Um batalhão de folgões espiritos  
 Diabinhos pygmens d'olhos brilhantes  
 Como faiscas de fogueira accesa  
 Por noite de S. João — ou qualquer outra.

---

Ergueu-se maldizendo a noite aziaga  
 O atropelado moço e com a capa  
 O encarniçado *batalhão-duende*  
 Pretendeu afastar, mas vinham sempre  
 Trepando-lhe no manto os taes gaiatos.  
 Azoado p'los brincões dos galhofeiros  
 Atirou-lhes a capa — Uma rizada  
 Aguda restrugiu de mil formada.

. . . . .

## VIII

Era longe — N'um campo branqueado  
 Da geada da noite era sentado  
 Junto a um aberto fosso, tiritando  
 A bater as queixadas pelo frio,  
 Que mal resguarda-lhe o lençól roido  
 Do manchado sudario — alvo fantasma.

---

Era bem limpa a noite — o céu enchiam  
Desmaiadas estrellas de luz baça  
Alvejando por entre a baixa nevoa  
Estendida no campo —  
E como solto no ar desabrigado  
Frio vento hibernal com labios gelidos  
Que dão beijos de marmore!

Ao mancebo

Co'os membros pelo frio interçados  
Estremeciam na medula os ossos,  
Sentia as carnes lhe arrepiar o frio  
E um secreto temor. —

A voz do vulto

Sentado no seu fosso veiu dar-lhe  
Razão a seu terror. —

#### O FANTASMA

Olá, amigo,  
Sentes frio tambem? Certo é que o vento  
Corre bem rijo ahi por esse campo —  
E geada vai na terra como orvalho!  
Egoismo foi de certo aqui marcarem  
Logar p'ra cemiterio. Melhor fôra  
— Não o pensas assim? — darem-nos leitos  
Nos muros das Igrejas. — Lá ao menos  
Se a cal tem humidez, não sópra o vento  
E não roçam na ossada assim gelada  
Entumescidos vermes que a fr.eza

Da noite regelou. Não pensas, dize  
Meu forasteiro, assim?

E porque vagas  
Por alta noite ahí correndo os montes?  
Tomas acaso o ar da noite fria  
Como receita medica?

Na vida —  
Na outra que eu vivi — tinha eu riqueza  
Bastante p'ra comprar colchões de pennas  
E felpudas cobertas pelo inverno,  
Quando eu vivia no paiz da patria.  
Mas causava-me tédio o frio e a bruma  
E fui terras correr. — Amei, nos mares  
Nas noites mornas de verão, na prôa  
Solitaria do barco adormecer-me —  
— Aquellas brizas tépidas correndo  
No ar se espreguiçando me agradavam.

---

Vivi na Italia em doce *far niente*  
Sempre em braços de amor — logar que sabes  
É de grato calor. — Como t'o digo  
Amei sempre o calor. — Quer do Oriente  
Sentindo a languidez amollecere-me  
Os frouxos membros no divan macio  
Com a face n'um collo voluptuoso  
De Georgiana de ademans ardentes.  
Era n'um seio ao pezo resistente  
Da cabeça pezada — adormecer-me.

Amei sempre o calor! — No céu da Grecia  
O que mais me agradava era essa ardencia  
Do sol oriental. —

E se não fosse  
Umás velhas que em negras bruxarias  
Vem ás vezes vagar por esses ermos,  
De craneos infantis roendo os ossos  
De fresco sepultados, — eu de certo  
Gelaria de frio entorpecido  
Como a agua empedernida da montanha.

Hoje vieram ellas — mas tão feias  
No hediondo sorrir que lhes abria  
Os labios negros amostrando as covas  
Das gengivas desertas — eu achei-as...  
E demais eram tantos os defuntos  
Alguns ainda com os restos fétidos  
Das carnes sobre os ossos — apinhados  
Junto do fogo das medonhas bruxas —  
Que preferi gelar — á noite ao frio  
E ás rajadas do Norte inteiriçado  
Do que lá me sentar. —

Olá, mancebo!

Já não me escutas mais? Quando era eu rico  
Podéra dar-te hospitalidade quente  
Em quarto agasalhado — aqui apenas  
Tenho um grabato de tijolos frios  
Com cortinas de pedra — se quizeres  
Dormir hoje commigo, acceita a offerta ».

## IX

Era essa a alma de um valente nauta  
Que as nevoas da Inglaterra logo ao berço  
Saudára como patria. — Quanto ao nome  
Fôra-lhe : Trelawney. — Longas viagens  
O levaram com Byron. — E o conviva  
Das orgias febris do Lord sombrio  
Lá jazia a gelar no cemiterio. —

## X

O Conde Lopo abotoara ao peito  
As roupas que vestia. — O humor sombrio  
Que a vida lhe esfriava — o spleen que sempre  
Que o tédio o entristecia lhe fizera  
Luto sempre trajar. — Vestia negro  
Pois o Conde tristonho — Abotôara  
— Como eu dizia — o nosso heróe ao peito  
As roupagens escuras. — Caminhava  
E nessa distracção que a idéa sempre  
Lhe fazia vaguear sem rumo fixo,  
Como barco sem leme entregue aos ventos  
Com as velas abertas — como a grimpa  
Que a inconstante briza agita, varre  
No caprichoso sôpro — já nem pensa —  
No fantasma de ha pouco e nem no frio  
Que lhe estremece os membros. —



XI

Caminhava

O Conde distrahido — e em sua marcha  
Topou uma parede. — Despertado  
Do negro meditar olhou em torno,  
Viu tudo escuridão. — Co'a mão gelada  
Os muros apalpou: sentiu-os asperos  
De salientes relevos enredados —  
Desviou-se e bateu n'uma columna.  
Recolhendo-se na mente imaginava  
Que entrára sem saber n'algum palacio  
— Se era de reis ou templo — não podia  
Explical-o elle então. —

Sôou nas trévas  
Nos gemedores sinos meia noite!  
Era pois uma Igreja. — Orientando-se  
Pelo correr do muro acompanhou-se.

XII

Pouco e pouco elle via esclarear-se  
Ao longe o fim de um corredor. — Seguindo  
A luz que pelas frestas da cerrada  
Porta, brilhava pallida — no termo  
Do longo corredor fôra elle sempre.

—  
Chegou á porta — repelliu-a. Entrando  
Os olhos estendeu em torno. — Lividos  
Sentados n'um festim viu alvas sombras

De esqueletos co'os craneos embuçados  
 Na alvura das mortalhas. — A uma fronte  
 Cingia o ouro de real corôa  
 A outros um diadema a entrelaçar-se  
 Nos cabellos roidos, reseccados  
 A correrem-lhe o thorax demudado  
 Pelo dente dos vermes. —

D'entre todos

Com mofador sorriso na caveira  
 Mirrada c'rôa de seccados louros  
 Na larga fronte a circumdar-lhe o craneo,  
 Nos finos ossos dos escuros braços  
 O queixo a repouzar, sobresahia  
 Um fantasma de pé — na mão direita  
 Não tinha a taça — não — tinha-a vazia;  
 E olhava-os com dó esses convivas  
 Reis per nascença ou pelo gume d'hacha  
 Em combate feroz — que ahi sentavam-se  
 Com o poeta á meza. —

O Conde Lopo

Olhou-os todos e sorriu. — Estranha  
 Era de certo a scena, mas á mente  
 Gasta a volver monotona existencia  
 Agradou-lhe o fantastico banquete.

—

Tomou na meza corôada taça  
 De vermelho licôr lauri — ornado  
 Pensativo fantasma — o Conde Lopo

Nos labios a sentiu. — Mas era fria  
Como os beijos de um morto — e o denso vinho  
Deu-lhe no paladar sabôr de sangue !

- Repelliu. — Cahiu no chão de pedra  
A taça derramada — um longo grito  
No lagedo sôou como um soluço  
D'agonia final, quando nos labios  
N'um ultimo tremôr gela-se a vida. —

Um fantasma de cão que adormecera  
Da meza do festim roendo os ossos  
Que os convivas lhe davam despertou-se,  
E òs descarnados ossos das queixadas  
No liquido molhou, bebendo soffrego  
O vinho dos finados.

O mancebo

Cada vez mais attonito jazia —  
Era em verdade pavorosa a scena!  
Tão gelidas risadas nunca ouviram  
Ouidos de mortaes, nem mesmo quando  
Co'um duro rir se deita o pezadello  
No peito do que dorme. —

E esses olhares

Fuzilando do fundo pardo-escuro  
Dessas caveiras núas, essas vozes  
Agudas como o retinir do aço

A zunirem fataes — essa bebida  
 De sangue rubro em nodoadas páteras —  
 Tudo isso um calafrio lhe accordava  
 Pelo gelido suar das carnes humidas!

## XIII

Continuava a conversa dos convivas  
 E os brindes loucos das geladas vozes.

## UM FANTASMA

— Eia! meu poeta! nos teus braços hoje  
 Hei-de ébria adormecer! Cavado fundo  
 Foi-me em jáspe o sepulcro — e lá tiritó.  
 Vem pois commigo, n'um abraço unidos,  
 Menos gelada a solitaria pedra  
 Por ventura será — bem ébria e louca  
 Dos ossos no tremôr irá-te a noite.  
 Lembra-me ainda, muita voz mentida,  
 Muito suspiro falso, muito beijo  
 Que hei-de te dar co'os descarnados labios.

Vem, pois, durmamos n'um amplexo juntos  
 Formando um corpo só — toda a lascivia  
 Que dous cadaveres gozar poderem  
 No limbo da mortalha, hemos gastal-a  
 Té esgotar-se a força em nossos peitos.  
 Que pensas, meu poeta, que sombrio  
 Nem respondes sequer? — »

. . . . .

## Era um fantasma

De macilento craneo ennegrecido  
Aqui e alli por fios de cabellos  
Tinha na fronte a reluzir — embora  
O empanasse a podridão na tumba —  
Um diadema d'oiro. — O tenebroso  
Fantasma pensador que déra ao Conde  
A taça rozea de licôr sanguineo  
Na caveira um sorrir, ergueu a fronte  
Enramada de louros resequidos  
E respondeu-lhe em zombeteiro escarneo :

« O que eu pensava? Na verdade a idéa  
Que me levava a mente era bem digna  
De tu m'a perguntares. — Eu dizia  
Que tu — outr'ora barregã — rainha,  
Caprichosa mulher de ardentes gozos,  
Prostituta, sentáras-te n'um throno ;  
E davas como leito aos favoritos  
Teus thalamos doirados e macios.

« Hoje te apodreceu a rozea carne  
Que os ossos te cobria, e eis-te ahi núa  
Como nunca te viram teus amantes. —  
Eis-te ahi núa prostituida ao verme  
Que só te morde com seus agros beijos  
O alvo logar onde em setim macio  
Dos seios tanta fronte repousara  
No ebrio tremor de enlouquecido gozo.

---

Eis ahí pois, rainha, o que eu pensava,  
 Idéa singular, não o confessas?  
 Prostituta real o amor lascivo  
 De um voluptoso rei alçou-te ao leito  
 E do thalamo ao throno — hoje, coitada!  
 Só o verme te quer quando nas covas  
 Não acha sanie onde perpasse os labios  
 E p'ra fome illudir morde-te o femur!

---

Confusa resoou em torno em rizo  
 Ruidosa vozeria dos fantasmas,  
 Era tanto o estridor que reboava  
 Nas concavas abobadas das salas  
 Que Lopo nada ouvia...

Voz aguda

Como tigre a uivar cobriu as outras.

---

« Á dança! á dança! »

« Á dança, á dança » — todos  
 Em côro repetiram — longo circulo  
 Dadas as frias mãos formaram todos  
 Em torno ao Conde Lopo — com tal força  
 Ante elle a voltear — que só lhe ouvia  
 O confuso tropear rangendo a pedra,  
 E o frio rir e o retinir dos ossos!

O circulo infernal com força infinda  
 Corria como em vortices a tromba  
 Sobre as aguas do mar sorvendo vagas  
 — Bebedouro de nuvens. —

A vertigem

• Do Conde se apossou — Tambem volvia  
 No geral turbilhão . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . . As coloridas  
 Vidraças multicôres reluziam  
 Com luz escassa, como sóe em horas  
 Em que a aurora vai sahir nos montes.

—  
 E como trévas que dissipa o brilho  
 Do avermelhado facho — ou como um bando  
 De negros corvos que o ruido accorda  
 Na escuridão do campo e as longas azas  
 Abrindo com estridôr em tôrva nuvem  
 Vai desfazer-se no azul celeste —  
 A esse raio primeiro os esqueletos  
 Sem um leve fallar se dissiparam. —

—  
 E ouviu-se em torno o estrondar das lages  
 Cahindo sobre as entreabertas boccas  
 Dos fetidos sepulcros. —

Era um sonho  
Como o outro já fôra — Sobre as relvas  
Da humida campina onde dormia  
O poeta a sonhar — elle volveu-se  
Inda anciado do passado pezo.

---

Com o abalo de mão mimosa e nivea  
Que como a luz que as tenebras espanca —  
Como anjo de fulgor clareando sombras,  
Lhe vinha dissipar o anciado somno  
E o abafado respirar pezado  
Do toldado vapor do pesadello...





TERCEIRA PARTE

CANTOS V, VI e VII

---

And thou fresh breaking day, and you ye mountains  
Why are ye beautiful? I cannot love ye

BYRON — *Manfred*.



# CANTO V

## NO MAR

---

And now Childe Harold was sick sore at heart  
And from his fellow would flee

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

And from his native land resolved to go  
And visit searching climes beyond the sea  
Whit pleasure drugg'd he almost long'd for woe  
And even for change of scenes seek the shades below.

*Childe Harold, I — VI.*





## CANTO V

But I who am of lighter mood  
Will laugh to flee away:  
(*Childe Harold*).

### I

**A**LÉM se azulam no matiz fundidas  
Da luz crepuscular as serras ultimas  
Da terra que se perde no Oceano. —

---

Co'as velas brancas pelo vento cheias  
Das aguas no embater garrido joga  
Um leve brigue a esvoaçar ligeiro  
Como uma ave do mar. —

Entre o sussurro  
Do rapido batel, na vozeria  
Dos marinheiros desfraldando as velas,  
Na stirpe secca de enfezado arbusto  
Brotado no alcantil ao ar das aguas  
Repousando do vôo — ou como a nuvem  
Que do alto mar se vê a deslizar-se  
Branca de neve no horizonte immenso,

Entre o sussurro pois e a vozeria  
Do rapido batel, co'a mão na face  
Os viajantes, com molhados olhos  
Cheios de prantos se alongavam inda  
Nesse listão azul que o leme ás vezes  
Do barco no jogar, galgando vagas  
No céu fulgente do arrebol da tarde  
Mal distincto se via. — Outros mais fracos  
Entre as vertigens do pesado enjôo  
Na amurada do brigue se arrimavam  
Com os olhos no mar (longe comtudo  
De poetico idear que lhe inspirasse  
O verde mar dourado pela tarde  
Entre vagas d'escuma enfurecido  
Atirando-se ás costas, negras, longas,  
Do brigue voador) — co'a face pallida  
Em gelido suor banhada toda  
Lançando *carga ao mar*, como zombando  
Dizem homens de barco.

## II

E lá na prôa,  
Com um braço no peito e as duras cordas  
A prender-se com o outro, um vulto immovel  
Volta ás vezes para o lado aonde  
Desparecera a terra — mas sem lagrimas,  
Sem gemido sequer que lhe tremesse

Do labio a superficie. — O jogar louco  
Do batel a bom vento descorrendo,  
Cortando um sulco de fervente escuma  
Com a pontuda prôa — o embalava.

E elle sorria quando ouvia em torno  
Abalado do choque algum novato  
Agarrando-se a um cabo ir estender-se  
Nas pranchas do convéz — Por entre o estrondo  
De objectos que rolavam de mistura  
Co'os mal cahidos de tonteados passos.

### III

E cada vez que no jogar do brigue  
A prôa se elevava — a fronte altiva  
Alegre se lhe erguia purpurada  
P'los adeuses do sol —

Immovel, mudo,

Movia os labios como se quizesse  
Abril-os p'ra fallar. — A mente delle  
Embebida no doce dessas horas  
Em que a meio no mar esconde rubra  
A ardente face o sol — lhe ia bem longe  
Do navio e do mar — pensava e um canto  
Gerado n'alma lhe tremia aos labios.

---

A ouvir-lhe o rebramir e os uivos soltos  
 Como um tropel de monstruosas fêras  
 A erguer-se espumando, bramidoras  
 Do fuzilar com affogueadas côres —  
 Os cabeços envoltos. —

---

Nos cantos de leão do mar bravo  
 Sulcado pelo raio em listas rubras—  
 Rasgando o seio ao tresloucar dos ventos ;  
 — No abafador bafejo da tormenta  
 Ao livor dos relampagos — sem junto  
 Ter um peito de fraco a desfazer-se  
 Em estupidas lagrimas — que doce  
 Que me fôra morrer!

« Sem lettras — embora — que tumulo immenso  
 O meu não seria no bojo do mar !  
 Que funebres cantos nas vascas da morte  
 Ouviria gigantes da vaga no uivar !

---

#### IV

Descera a noite tenebrosa e fria  
 Sobre o navio a navegar entregue  
 Ao halito dos ventos, emballado  
 Nos embates do mar — atraz deixando  
 De prateiada escuma lista branca  
 De luzente ardentia.



E sobre cabos encostado ao mastro,  
Nas dobras negras de amplo manto envolto,  
Resonava o sombrio viajante  
Que viramos scismando alli sozinho  
Ao embuçar-se o sol em sombras negras  
Na escuridão do mar.

Do leitor certo o atilado senso  
Advinhou quem era o pensativo —  
Sagaz embora não lhe póde a mente  
Seguir a advinhação. — Direi portanto  
Breve como até ahi — o que embarcára  
Longe do lar o Conde. —

## V

Vimos como no braço adormecera  
Do Conde, no festim, a moça bella,  
Com as cerradas crystallinas palpebras  
Imagens leves a lembrar de archanjos  
Dormidos sobre nuvens. — O mancebo  
Ao livrar dos languidos abraços  
Da fada adormecida, lhe pousára  
A face sobre a mesa, sobre a seda  
De uma almofada do divan da sala.  
Deixára-a elle assim — A alma descrida  
Pensou-lhe que o dormir á moça fôra  
Tão macio — talvez mais inda — posta  
Sobre um coxim que sobre o peito delle. —

Demais — vira-a libar por tantas vezes  
 Em brinde a elle o calice purpureo  
 De vividos licôres, cheio a ponto  
 De derramar-se em corallinos fios,  
 Que lhe suppunha bem profundo o somno.

## VI

Nos candelabros, nos crystaes dos lustres,  
 Esmoreciam pallidas as luzes  
 E em torno jazem todos sepultados  
 Em pezado lethargo. — Quem nas mezas,  
 Quem nos molles tapetes do soalho,  
 Quem do terraço nos marmoreos bancos,  
 Dormiam todos pois. — E além os ares  
 Co'o dia clareavam, ás montanhas  
 Purpureiam-se os verdes, nas campinas  
 Das urzes no hervaçal, nas verdes balsas  
 Rosicler da manhã tinge de rozas.

E lá nas sombras que a alvorada açouta  
 Inda uma estrella brilha, uma sómente  
 Como na despedida o lindo bando  
 De donzellas se aparta, e uma inda fica  
 Com olhos humidos fitando o que ella  
 Tão bem querera...

A estrella d'alva ainda

Por um pouco brilhou no descorado  
 Azul do céo da noite, eil-a branqueia,

Perde os luzidos mil, e pouco e pouco  
— Como donzella a que desmaiam côres  
No rosto frio, e a vida se evapora  
D'entre uns gelados desc'loridos labios —  
Apaga-se no céu — e entre a alegria  
Dos cantos da manhã, doída n'alma  
Se esvae no azul celeste.

---

Clareia-se o salão — é dia — a briza  
Frescumes cõa nas tremidas sedas  
Do ondante reposteiro — E ainda em torno  
Dormem turvo resomnar ruidoso.  
Tudo — oh! não! lá despertou co'o brilho  
Da matutina luz a nossa bella.  
Accorda e seu primeiro olhar procura  
O olhar do Conde. — Não o viu — Ergueu-se  
Com a tristeza n'alma e o peito cheio  
De atro temor — presentimento quasi.

---

Ergueu-se — um por um corre esses rostos  
De ebrios — dormidos — pallidos convivas,  
E todos perpassou co'a face pasma. —

---

E sahiu pelos campos — O costume  
Sabia-o ella do sombrio moço,  
D'ir-se ás noites pedir repouzo á febre  
Sob orvalhos do céu. — E solitaria

Dissereis essa pallida donzella  
De romantica dôr que o vate lysio (\*)  
Sonhou ensandecida pela mágoa.  
Nas negras tranças que soltára o vento  
E o roçar das ramagens — uma rosa  
De fria candidez inda a sorrir-lhe,  
Mas morta e fria como o rir que a ella  
Gelido sobre os labios se pousara.  
E o setim que guardava-lhe as mimosas  
Plantas — dos seixos da aspera vereda  
Rotos nos espinhaes se destingia  
Das alvuras de neve pelo sangue  
Dos mal — feridos pés em roseo orvalho  
Que regelava a humidez da hervagem.

---

Ia pallida e candida — e absorta  
N'um profundo idear — não lhe doiam  
As ramas que o alvo collo lhe batiam  
No rapido correr! — Pallida e candida  
Com os seios a arquejar e os olhos fitos  
De desmaiado cinto — azul envoltos  
Que mais tristonha e pallida a tornava,  
C'os cabellos soltos pelos hombros  
Candido seraphim assemelhava,  
Anjo innocente que o embaciar do sôpro  
Não pôde d'homens empanar ainda

---

(\*) Mendes Leal.

No vitreo coração — e o peito cheio  
De affogadoras mágoas vai correndo  
Em afflicto tristor.

---

Depois de muito desvairar-se á tôa  
Pelos molhados hervações viu ella  
Um manto negro sobre o chão lançado.  
Chegou-lhe ao perto — p'ra tomal-o e vêl-o  
Se era acaso o do Conde. — Levantou-o  
E viu anciado a revolver-se em sonhos  
Qual sob um pezo abafador aquelle  
Que tanto tempo embalde procurára...

## VII

O dia se passou e o dia inteiro  
Doiram-se as mesas no ancisar do jogo :  
Sôa o tinir das moedas, pressurosos  
Jogam mancebos com olhar ardente  
E face avermelhada. — Só o Conde  
Pallido e frio permanece á mesa  
Ou ganhe ou perca — em turbilhão luzente  
Os montes d'ouro chame a si do centro  
Ou a bolsa esvazie sobre o verde  
Da alcatifa da mesa, nem um rizo  
D'ancioso prazer lhe accende os olhos,  
Nem um ranger d'entre cerrados dentes  
De invejoso soffrer a confranger-lhe  
A fronte pallida com fundos sulcos ;  
Ou propicia ou avessa lhe sorria  
Amores ou escarneos a fortuna. —

Homem que já no amor jogou as ditas  
 Móres do coração; que entre os rugidos  
 Do mar nunca tremeu, e pouco á vida  
 Dá de amor e esperança, que lhe importam  
 Luzidos de metal, se falsos gozos  
 Que elle lhe faz nascer nem lhe adormentam  
 Cancros do coração?

E pois a perda  
 Nem os lucros lhe davam mais abalo  
 Que o embater das vagas ao penhasco  
 Que o tempo ennegreceu...

Pallido e frio  
 Seguia o Conde com attentos olhos  
 A ressaca do jogo, sem anhellos. —  
 E quando a noite veiu e as mesas verdes  
 Se esclareceram co'o luzir dos lustres  
 Perdera o Conde uma fortuna immensa,  
 Á vista parte — e parte sob palavra.

« Ultimo lance »? — disse — « os meus palacios  
 Contra isso tudo que eu perdi — quereis-l'ò »?

Hesitaram parceiros, tão de louco  
 A aposta parecia — e o Conde Lopo  
 Ouviu um arquejar, e uma lagrima  
 Quente cahir-lhe sobre a mão.

Voltou-se  
 Era a pallida Ignez, a pobre moça  
 Dos amores da noite — o primoroso

Anjo da orgia, creatura bella  
 Que o dia inteiro o delirar do jogo  
 É o abysmar-se da fortuna inteira  
 Do Conde Lopo vira, embranquecida  
 A purpura da face, o olhar parado  
 E descorados os abertos labios. —

« Conde! por Deus, por nosso amor, se acaso  
 Á coitada da Ignez guardaste n'alma  
 Um resquicio de amor, não precipites  
 Tua fortuna assim! — Conde, não jogues  
 Este lance terrivel! — »

— « Ignez, cala-te.

Se ganhar, ganharei o que hei perdido  
 E como d'antes ficarei. — Perdendo  
 Já que tanto existi em luxo immerso,  
 Irei tambem exp'rimantar o gosto

Do pão d'azimo . . . . . »

. . . . .

Tudo perdeu elle . . . . .

. . . . .

Voltou-se e viu Ignez, banhada em prantos,  
 Co'os joelhos de neve em chão de terra  
 Com os olhos em lagrimas. —

« Que queres?

Ignez, tu sabes, eu tornei-me pobre:  
 O Conde Lopo já morreu — eu hoje  
 Sou um pobre vivente sem amigos,  
 Sem travesseiro ao menos para a fronte,  
 Que não as lages de enlameadas ruas.

Tu és formosa, Ignez, talvez encontres  
Algun rico fidalgo que te queira. —  
Pódes ser venturosa ainda... Choras?  
Tu bem sabes, Ignez, fôra egoismo  
Do desgraçado associar-te á sina  
Arida e erma da miseria sua.

## IGNEZ

Ah! Conde, Conde! que tão mal me entendes!  
Escuta-me, eu te amei! Sob esse gelo  
De tu'alma de fel eu te sonhava  
Uma flôr virgem que ninguem soubera  
Com disvellados mimos perfumosa  
Em beijos entreabrir. — Conde eu amei-te —  
E a ti só nesta vida... Que me importam  
Prazeres de riqueza, luxo e sedas,  
Se eu te sonhar em horas, alta noite,  
Co'as fauces resequidas pela fome?  
Que importa a vida delirada, tépida  
Para mim, se eu pensar-te entregue ao frio  
No marco do caminho...

## CONDE

Minha sina  
É um mysterio — como o mar — profundo;  
Fôra de loucos intentar erguer-lhe  
O véo que m'a sombreia. — Ignez, és bella,  
Sorri-te ainda gozo aqui na vida.



Á vida errante que me resta agora  
Não te venhas unir — talvez que ainda  
Tua resolução fraqueie exausta  
E arrependas-te então... Quando me viste  
P'la primeira vez, ao ver-me sobre a face  
Esse frio pallor, nunca pensaste  
Que não de orgias, mas de causa interna  
Me vinha essa descôr? quando dormias  
Junto de mim, junto a meu peito, nunca  
Me ouviste em sonhos com a voz tremenda  
Gemedora a queixar-sê? e então na mente  
Não te lembraste que um mysterio havia  
Incognito segredo, negro e fundo  
Como o despenhadeiro dos abysmos  
Onde — de longe — rugidora sôa,  
Ao som d'agua na pedra, a voz da féra?

A minha vida, Ignez, é um mysterio!  
Ai de ti se podesses decifrar-lhe  
Uma sombra sequer — que então fugiras  
Dos braços meus, espavorida e fria.

Queres ligar a tua sina á minha?  
Pobre pomba que anceia amor das aguias!  
Gazella meiga que os affectos pede  
Da onça dos juncaes! —

Continuou o Conde  
Como antes seu andar. Pallida, attonita,

Cahida nos joelhos ella ainda  
 Por muito tempo lhe seguiu c'oa vista  
 Os passos sempre iguaes. —

E parecia

Uma estatua de pedra que se erguesse  
 De sobre um tumulo. — No andar pausado  
 Idea negra lhe turvava os sonhos;  
 E caminhava sempre, a fronte pallida  
 N'um véo sombrio de pensar envolta  
 Com esgares no olhar.

Talvez, quem sabe?

Lembrança rubra de passado crime  
 Com sangrento zombar lhe ria amarga  
 Sarcastica no peito. — O Conde Lopo  
 Ninguém o conhecia — era um mysterio  
 Sua passada vida — negro abysmo  
 O seu imaginar — ninguém podera  
 Obter-lhe historia dos transactos annos.  
 A frieza do olhar ninguém lh'a vira  
 Escaldar uma lagrima fervendo  
 A tombar-lhe nas faces. — Não, que ao moço  
 Como ao Childe de Byron a altiveza  
 Lh'a gelára nas palpebras...

Dos labios

Sómente ás vezes quando o vinho a fronte  
 Lhe enturvava de somno — e elle dormia  
 Co'a taça inda na mão — no pesadello  
 Um gemido sahia-lhe quebrado  
 Das cavernas do seio — mal ouvido

---

Nome soava que o arquejar cobria —  
Do fundo resomnar. — A vida delle  
Era um mysterio negro — um mar sem fundo  
E assim o seu pensar em que abysmado  
A alma lhe escurecia...

## VIII

## Vai escura

Cahindo humida a noite; o céu se alastra  
De nuvens negras aqui e alli abertas,  
No seu escassear mostrando brilhos  
De perdidas estrellas. — Sopra o vento,  
E rapidas as nuvens vão correndo  
Em escura cadeia; o mar na praia  
Soluça e quebra-se como um gemido.

---

Que triste que é ouvir correr os ventos  
Na escuridão dos palmeiraes da serra!  
Que triste que é o arfar das rôtas vagas  
Nos abrolhos da costa em noite negra!  
E o céu, sem um fulgor de estrella amiga,  
A terra sem um som que não as vozes  
Dos ventos e do mar entre silencio  
Que apenas turba o acariciar da onça  
Aos famulentos filhos na floresta.....

---

Sôam nas pedras do caminho escuro  
Ao veloz galopar faiscando os seixos  
Os passos de um ginete. — Eil-o que estaca  
Açaimado do frio, junto á praia.  
Copiosa espuma de mar lhe alveja  
A reluzente escuridão do pello;  
Respira ardente, porém não cançado —  
As crinas longas sacudindo ancioso  
Ao vento que do mar se eleva fresco.

---

Embuçado no manto, apeou-se delle  
Um vulto negro. — Com as redeas soltas  
O cavallo deixou — que espera immovel;  
Que o filho dos desertos não precisa,  
Generoso, como é, de mais que a ordem  
Do nobre cavalleiro. —

Encaminhou-se

O vulto a um alcantil. — Eil-o parado  
Com os braços no peito e o manto solto,  
Aos caprichos do vento tremulando.

---

Eil-a alveja no céu a flôr das noites,  
Magnolia alva que abriu — a argentea lua  
D'entre o manto das nuvens olha candida  
Para a terra dormida ao som dos mares.  
É negro o mais do céu — correndo feias  
As sombras o escurecem — outras vezes

Luz-lhes em meio apparecendo nivea  
Em breve fundo azul, como uma perolã  
No cobalto vivo do mar.

Co'os olhos nella  
Vel-a a fulgir e se afundar em trévas  
O vulto immovel do penhasco negro.  
Ruge-lhe em baixo o mar, quebrado, altivo,  
Em férvidas espumas, saraivando-lhe  
Do amargo chuvisqueiro as roupas negras.

---

Á luz da lua que sorriu suave  
Limpa de nuvens no azular do empyreo  
Vê-se bello o mancebo alli da praia.  
Louros lhe correm pela roupa escura  
Annellados cabellos, transbordados  
Do espesso gorro de velludo negro;  
Tinge-lhe a face pallidez — gelada  
Como o sorrir dos entreabertos labios.

---

Ao ver-lhe o fino das feições mimosas  
Dissereis uma virgem — dessas alvas  
Visões aérias que transluzem breves  
No delirio dos sonhos — era bello  
O pallido mancebo. — Qual podéra  
Coração da donzella não render-se  
Dos seus olhos de azul ás côres languidas,  
Qual não sonhára em devaneios doces

Roçar-lhe a roza dos purpureos labios,  
Sequer em leve beijo? Idéa era essa  
Que de vencida levaria a todos  
A não deixar de crel-a... E elle contudo  
Tinha nas faces lagrimas de fogo!  
Arquejava-lhe o peito... e agros gemidos  
Da dôr no soluçar vinham quebrar-se  
Nos labios que febris lhe estremeciam!

—

Não fallava porém. Dôres ha fundas  
Que a voz embargam no exprimir dos labios!  
Um nome apenas de mulher ás vezes  
Nos labios murmurado lhe passava.

—

Como levado por idéa firme  
O rosto serenou — as quentes lagrimas  
Não lhe correram mais p'las brancas faces.  
Sómente um rizo lhe franzia frio  
De sombrio pezar a flôr dos labios,  
Negro como o sorrir do desespero.

—

Lançou por terra o manto e o gorro escuro —  
Voltou ao seu corsel, convulso os braços  
Ao pescoço apertou-lhe e pranto os olhos  
Humedeceu-lhe uma vez mais. —

Coitado!

Meu amigo foi elle — aqui na terra

Foi-m'o elle só — ninguem, ninguem amou-me  
 Pois ella! ella... a quem eu... Além lembranças  
 De mentida esperança, doudos sonhos  
 De traidora illusão!... Podéra amal-a!  
 Havia erguer-lhe um santo altar no peito!  
 Que amores que eu lhe déra!...

Prantos, prantos,  
 Além!... não quero mais chorar! seccai-vos  
 E porque chorarei?... »

—  
 Que idéas negras  
 Volvi no idéar não sei dizel-o.  
 Não fallou mais...

Encaminhou-se ás rochas  
 Erguidas beira-mar, galgou de todas  
 A que mais sobranceira negrejava  
 Corôada de cardos e anãs plantas.

. . . . .  
 A lua esclareceu-se, um vulto negro  
 Do rochedo cahiu. — Sôou nas vagas  
 O ruidoso fragor de rude pezo  
 Batendo n'agua — e azul o mar fecho-se  
 Sobre o corpo do moço como a pedra  
 Que cobre ao fosso o abafado leito.....

—  
 Ouviu-se n'agua um ciciar bem como  
 O do nadar de monstruoso peixe —  
 E após um corpo negro deslizou-se

Sulcando as vagas. —

Era uma canôa —

Ouvira o homem que a regia estrondo

Desse tombar no mar — rapido o barco

A esse logar chegou. — Viu debater-se

Em convulsa agonia de affogado

O suicida desperto á voz do instincto

Anciando viver. — Lançou-se ás aguas —

Breve reapareceu nadando, preso

Pelos cabellos loiros desmaiado

O formoso mancebo. — Nesse tempo

Levado p'la ressaca o barco delle

Na areia encalhava, e elle sentia

Lhe enfraquecerem já os lassos membros

No porfiado lutar com o Oceano

Para salvar-lhe a preza. — Ultimo esforço

Do affouto nadador levou-os ambos

Á praia — um vivo — e um gelado corpo.





## CANTO VI

---

.....« In faith t'was strange, t'was passing strange  
« T'was pitiful, t'was wondrous pitiful...


SHAKESPEARE.

Mulher, mulber, que és tu ? mentira ou sonho  
Uma palavra, fugidia sombra,  
Criarão-te poetas, teu fantasma  
Dorme no céu talvez — Pensei-o ás vezes  
Em minhas nuvens a correr em sonhos!  
Dondo que eu fui de assim baixar-me á terra  
Para a vizão do imaginar buscal-a

*Aldo* (DE GEORGE SAND  
(Trad. do A.)



## PRELUDIOS

 AMORES e glórias!... sonhei-vos! e quanto!  
Que digam as nuvens do frouxo luar .  
As vezes que viram-me em scismas de — pranto  
As faces molhar!

Que sonhos! que sonhos! que eu tive acordado!  
Que olhares — que beijos, que vôos ao céu!  
Que anciados apertos de um seio nevado  
Batendo no meu!

Que sonhos! que anceios! que luz no porvir!  
Que flôres na vida! que aéreas vizões!  
Que labios abertos, em flôr, n'um sorrir!  
Meu Deus! que illusões!

Que tanto perfume que mal me cabia  
Nos vasos do seio! que virgens amores,  
Que sonhos fulgentes de terna poesia,  
    Que céu! que ar! que flôres!

E essa alma de sonhos tão ébria — tão cheia,  
Na terra não quiz amar-m'a — ninguém!  
Os peitos que amei, achei-os de areia  
    — Que pulso não tem!

E pois a alma crente dos cantos de amor  
Gelou para o mundo, e riu, e descreu!  
Sómente uma lagrima da face a descôr  
    Quente — humedeceu!

Porém uma só! não mais! e paguei  
Os rizos com rizos e o gelo com fél.  
Dos élos do mundo co'as plantas quebrei  
    O ultimo anel.

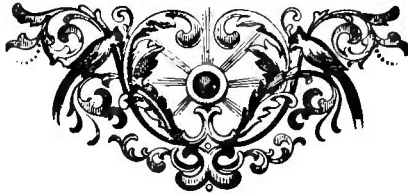
E hoje é meu sonho na sombra habitar  
Dos montes silvosos. — Ouvir — só o vento  
Das aves da selva o agudo lamento  
    Das fêras o uivar...

E ver só o céu — azul d'entre o verde  
Das densas folhagens — sem nódoa, sem véo  
E o mar reluzente que ao longe se perde  
    . Nas sedas do céu!

---

Viver lá sósinho co'os ventos e as flôres  
Sem ver cá da terra um falso sorrir,  
E á noite, ao luar, nos molles verdores  
Das grammas dormir

Serei solitario na selva esquecido  
Dos falsos do mundo entre aves e féras  
A ouvir d'entre as folhas o surdo rugido  
Das ruivas panthéras.







I

**E**RA silvestre roza friazinha  
E pallida — e gelada  
Pendida a reflectir na flôr das aguas  
A face desmaiada!

Em triste pallidez esmorecida  
No campo ermo e sosinha  
Exhausta de viver, já sem aroma  
Sem amores que tinha.

A fallar-nos do céo, e em morte doce  
Lá d'alma angustiada  
E branca toda, e aberta ao frio e ao vento  
De noite de geada.

Absorta em seu soffrer, tremula á briza  
Que o seio lhe gelára  
E mudo o valle que um névoeiro frio  
Como um lençól branqueára —

Parecendo exhalar a fraca vida  
Em gemito cansado ;  
Dê uma descôr lethal, mas tão suave  
Que eu a vi ajoelhado

E nella era uma per'la de sereno  
Docemente tremida,  
— Doído pranto de saudade amarga  
Em face enfebrecida !

---

E era qual virgem morta em fins de um baile  
Candido o labio frio  
Alegre inda a sorrir — que o anjo pallido  
P'la manhã extinguiu!

Vestindo branco, n'alva fronte rozas,  
No seio inda uma flôr  
Que da valsa ao findar sentiu a face  
Esfriar-lhe o pallor.

---

E era qual astro que antes de sumir-se  
Traz do véo da nebrina  
Ou affogar-se em luz nascendo a Aurora  
Em onda purpurina  
Ainda verte empallecido raio



De tão suave encanto,  
E elle tão triste que parece — ao vel-o  
Humedecido em pranto,

---

E era qual andorinha amortecendo-se  
De saudades e amores  
Muda e silenciosa immersa em máguas  
Em um mar de amargores.

---

Era uma roza desluzida e pallida  
Tão alvazinha e fria  
De um languor tão aereo — tão suave  
Se chorar parecia  
A pensar em morrer chorando a vida  
Que tão misera a fez  
Com a face no chão, n'alma a tristeza  
— De morta pallidez —  
Que eu senti de meus olhos escôar-se  
Uma lagrima ao vel-a;  
Ante ella m'ajoelhei, amei-a em prantos  
E em prantos sonhei n'ella. —

---

No outro dia eu voltei. Era erma a planta  
E mirrada e sem côr, desfeita a roza,  
— O vento a desfolhára.  
E ao vel-a assim — chorei lagrimas longas —  
Todo um porvir de amores e esperanças  
A sós m'abandonava!

## II

Além a allegoria! era uma moça  
Linda embora — perdida em gozo infame,  
Um anjo que cortou as azas brancas  
E atirou-as ao mar.

Foi uma flôr que prostituiu seu brilho,  
Que da brisa engeitou amores puros  
P'lo beijar ébrio da nocturna orgia  
No chão do lupanar.

## III

Amei-a! e muito! — Disse-lhe perfumes  
Que no sanctuario d'alma eu lhe queimára  
Contei-lhe sonhos. — Coração e vida  
Déra tudo por ella;

Rojei-me aos joelhos seus, fallei-lhe em prantos  
Com o peito a soluçar e a voz cortada  
E riu deitando-me inclemente olhar!  
Nem lamentou-me a bella!

E a roza que aos meus timidos amores  
Do coração aos disvellados mimos  
De extremoso querer negára — a virgem  
Deu-a que não a amor. —

Deixou-me ao peito o coração sem fibras,  
Á lyra as cordas estalladas, mudas,  
E foi vendel-as, as nevadas fôrmas,  
No leito do impudôr!

## IV

Fada no rosto, seraphim no riso  
De labio coralino!  
Visão de trovador na fôrma candida,  
Huri no olhar divino!

E tão infame! lyrio aberto em lôdos,  
Agua argentea — corrupta  
Pelos charcos do pantano — tão bella  
Meu Deus! — e prostituta!

Tão puro labio a acordar no peito  
A embriaguez do desejo,  
Mas que o pousar de libertinas noutes  
Nodoou em torpe beijo!

Tão niveo o seio — mas cansado e exausto  
Da convulsão da orgia —  
Luz-te nas faces pallidez romantica  
— E dentro... a alma é fria.

Oh! quem te visse sobre a mão dormida  
A face descorada  
E não te cresse uma visão de neve  
Ao luar deslisada?

E quem te visse assim com teus cabellos  
 Esparsos te ondeando  
 P'los brancos hombros nús e não te cresse  
 Anjo em sonhos passando?

Mas olhos d'elle se afundar podessem  
 Esse profundo mar  
 Que chamam coração, e elle te lesse  
 Estatuá, o idear —

E visse lôdo o coração da imagem,  
 Veneno o beijo impuro  
 Que do louco ancejou no peito ardido  
 Em sonhos de futuro.

Diz que desprezô, que cuspir nas faces  
 Impuras — te bastára  
 Que valessê a illusão que tua infamia  
 No peito lhê matára?

. . . . .  
 Tão bella! e tão perdida! Albor de estrella  
 Em lagôa corrupta —  
 Na face um anjo, n'alma lôdo — a um tempo  
 Sylphide e prostituta!





## CANTO VII

### I

**V**OLTEMOS ao poema. — O Conde Lopo  
No seu devaneiar sentira a areia  
Das praias lhe estallar por sob as plantas;  
Como que despertou então das scismas —  
Olhou em torno. — A tarde descahia  
Auri-purpurea sob céos de outomno.  
Era doirada a luz, lustrando as vagas  
Com reflexos de fogo auri-luzente. —  
Nas ramagens das arvores coada  
Entre oiro e roza a luz estremecia.  
As serras do horisonte em purpura parecem  
D'azul-roseo crysol sob céos d'oiro.

Tinham mais cheiro os campos — e nas folhas  
Dos arvoredos beira-mar brincava  
Tépida a viração. — Era a hora bella  
Fadada aos sonhos do porvir: — Venturas  
Quem não sonha-as então entre essas côres

Do matizado céu rindo feitiços  
À terra enfloriscida, e ao mar corado  
Como clarão bruxuleador da tarde  
Do furta-côres auri-azul celeste?  
Quem não sente também encher-se o peito  
Ao ver as rozas do poente acceso  
Rouxeadas murcharem nos escuros  
Do véo de sombras que lhes cobre as galas?  
E essas nuvens luzentes deslisadas  
Em mar de anil, como castellos aureos  
De errantes ilhas onde riem Armidas  
Cobrirem-se de negro, e em mágua e luto  
No escuro anoitecer morrerem pallidas?  
E quem não sente então em vaga mansa  
Lago de sonhos o inundar e meiga  
Flôr de melancolia abrir-lhe n'alma  
Com pallido sorrir — de aroma triste  
Mas de encantos tão cheia?

Faz-se — noite

E o cume — além — dos denegridos serros  
Alveja um raio da nascente lua —  
Inda a luzir como um crescente d'oiro  
Eil-a que s'ergue e pouco a pouco sóbe  
Como um orbe de prata, já perdido  
O primeiro doirar — eil-a clareia  
O mar e os campos, e as folhagens verdes  
Reluzem como d'arvores de prata  
Humidas folhas nas sonhadas vistas  
De mil e uma noite em contos Arabes.

O Conde Lopo os olhos divagava  
Sobre tanto fulgor; sentia gozo  
Passar-lhe n'alma n'um correr suave,  
Como dos ventos no mar alto, quando  
Traz a brisa do mar odôr de flôres

E perfumes de terra; — inda mentido  
O sentir seja que embriaga o peito  
Com encanto fallaz que doce, que alma  
É abrir-se-lhe então semeando effluvios  
No livre respirar desse ar mais puro!

E pois o coração lhe tremulava  
Alegre palpitar em gozo doce,  
Como bandeira branca á brisa solta  
Floreada a correr batendo alegre.

---

Era deserta a praia — entre uns rochedos  
Viui amarrada uma canôa leve  
Barco gentil de pescador. — O Conde  
Amava o andar na aguas. A barquinha  
Sem dono parecia, o curso breve  
Pretendia fazer e pois entrou-lhe  
No humedecido bojo — a mão ligeira  
Soltou a amarra e com a pá do remo  
Como um leviano cysne, o barco leve

Arfando deslizou na flôr das aguas  
 A rebentar escumas, ña ardentia  
 Do mar da noite prateando sulcos.

## II

O Conde esse pois era que o mancebo  
 — O suicida formoso — salvar fôra.

## III

Chegaram pois á praia, elle e o mancebo  
 As roupas d'ambos gottejantes, cheias,  
 Das areias da riba —

O moço louro

Pallido como Don Juan lançado  
 Pela vaga da praia — na Odysséa  
 Desse guerreiro — trovador errante,  
 Que á Grecia amou o marmor das ruinas  
 E foi as flôres orientaes colher  
 P'las ilhas do Mar Jonio as cordas aureas  
 Para com ellas perfumar da lyra —  
 Co'a fria pallidez das faces mortas  
 Parecia afogado. — Só a Haydéa  
 Faltava para o Don Juan formoso;  
 Porém não veiu oriental donzellã  
 Envolta em raras perolas, e soltos  
 Cobrindo as costas os cabellos negros,  
 Com o roupão de cachemira aberto,  
 Da mosselina sob o véo cioso  
 Mostrando as ancias dos nevados pommos,  
 Com labios virgens n'um sorriso abertos.



Não veio pois ninguém, e assim o Fado  
 Poupou-me o ter de abandonar a penna  
 Para embeber-me no idear dos sonhos  
 Que frios versos exprimir não podem —  
 Que não de alma de Byron.

A alva filha

Do pirata descrido e a grega serva  
 A discreta Zoé, suppria o Conde  
 E — esse brioso corsel de negro lustro  
 Escorrendo suor d'impaciencia  
 Que co'a rédea ao pescoço ahi ficára  
 Na pedregosa solitaria praia  
 Esperando o senhor. —

Em breve o moço

Aos cuidados do Conde despertára.  
 Vendo-se á vida revolvido, afflicto  
 Cerrou os punhos e o ranger dos dentes  
 Mostrou-lhe a afflicção. Cálmo-o o Conde —  
 Sceptico embora, consolou-lhe as mágoas —  
 Com palavras tentou, como esses padres  
 Do agonizante á cabeceira dizem  
 O decorado sermonar; fallou-lhe  
 Em consolos da esperanza, em céos abertos,  
 De olhares de donzella — até na vida  
 Dos preguiçosos frades, na mentira  
 De repouzar na religião profunda  
 Dos mosteiros de hoje... o que mais disse  
 Nem eu dizel-o sei. — Lá dentro d'alma  
 Ria de certo o Conde recordando

De alguma confissão, conselhos frios,  
Batidas expressões que entre bocejos  
Em tédio confessional diario escuta  
De sacerdote que avezou de ha muito  
Exemplo e hypocrisia a ditos vacuos.

Quem o ouvisse comtudo pensaria  
Todo o calor de convicção ness'alma,  
Que taes cousas dizia talvez mesmo  
Ao ardente exprimir dobrassem nelle  
— Falto de outros ouvidos — os sentimentos  
De profundo descrêr. — E jesuitas  
Certo que o bradar se ouvir podessem  
Angareal-o haviam para frade,  
Convencedor de turbas, visionario,  
De hypocritas virtudes — como os outros.

Y

Não, o mancebo que lançara á morte  
No marulhar das vagas o desespero  
Se longo o somno não lhe houvesse turvo  
Do cerebro travado tanto tempo  
Dormiria de certo. Mas agora  
Ao prégador achou melhor pagar-lhe  
Por conselho os conselhos — e portanto  
Disse-lhe ha pouco a móssa que faziam-lhe  
Consolos de palavras. — Riu-se o Conde  
Se era de escarneo dos conselhos mornos

De tediosos monges, — ironia  
Portanto essas palavras desse joven  
De orgias viver do vinho e gozo  
Tão amante e da vida tão descrido  
A zombar della com sarcasmos sempre,  
Como da prostituta vil e podre  
O menino das ruas que ri della  
E a desama e lhe dá só apedrejos,  
Eu não o affirmarei — Comtudo o creio.

## VI

Então abriu-lhe o coração o Conde;  
Mostrou-lhe a chaga a lhe sangrar, inteira  
Que trazia no peito a alma descrida;  
Odiava a vida renegando os rizos —  
E a ironia lhe voltou aos labios  
Atroz, acerba, do viver, dos homens,  
A rir desprezadora. — A mágoa funda,  
Desgosto do existir que mal cobriam  
Volupias d'alta noite, ao som dos beijos,  
Dormidas horas com mulher que o peito  
Gasto nem faz um palpitar de gozo  
Do saciado coração nos tremulos  
Anhellos da materia em febre infame.  
E loucas convulsões de torpes ancias  
Mostrou-lh'as n'um sorrir, deu-lh'as patentes  
Do gélido sarcasmo em negra fallas.  
Como o Saffie do romancista amargo

— Do fuzilado ao filho — convidou-o  
Sua vida a viver, a ir com elle  
Pelas terras do mundo a rir-lhe a insânia,

## O MANCEBO

Para que? Se morreu aqui na terra  
A minha ultima flôr — se nada espero  
E não quero viver sem esperanças  
E morrerei portanto?! — O salyamento  
Que me déste mal te haja — foi-te baldo  
O esforço do nada! Hoje o suicidio  
É o unico desejo meu — a morte,  
Derradeira das minhas esperanças,  
Que importa o gozo do soffrer dos homens,  
De ouvir-lhes o gemer quebrado em labios  
Nas horas de agonia! — Soffri muito!  
Nem alegrias nem penar de angustias  
Ha ahi na terra que me adoce as penas,  
E morrerei portanto — o mar é fundo  
Guardar-me-ha o segredo, — A dôr intensa  
Que assim me quebra todo o apego á vida  
Não hão de homens sabel-a!

Bem dormido

Descançarei na terra — aonde as vagas  
Encalharem-me os restos corrompidos,  
Não irão lagrimas de amante falsa  
O corpo me orvalhar; não hei-de ouvil-as  
Queixas de hypocrisia em boccas impias  
A profanarem a mudez sagrada

Do aposento dos mortos — nem cabellos,  
 De fingido prantear humedecidos  
 No perfido roçar de infames labios,  
 Hão de correr-me pelo rosto frio,  
 No féretro nas horas de partida  
 Na extrema despedida!

Disseste — a mágoa

Roeu-te inteira o coração — affectos  
 Foram-te d'alma p'lo sorrir das flôres —  
 E fallas-me em viver? Covarde, sentes  
 Desfallecer-te ante o gelar da campa?  
 Tremes transees da morte?

CONDE LOPO

### Rio della

Como rio da vida, e disso tudo  
 Que ainda amas, mancebo, sem que o penses!  
 Talvez trahido no mais puro affecto  
 Vens a vida cortar p'lo desespero  
 De perfida trahição... Pobre mancebo!  
 Viesse agora essa perjura ingrata  
 Viesse com suas lagrimas ardentes,  
 Mentirosas embora, a encher-lhe as faces,  
 Que havias de prostrar-te ahi n'areia  
 E adora'-la e pedir-lhe perdão inda!

Tambem muito chorei: e fui á noite  
 Nas sombras do nevoeiro arfar as mágoas  
 Pedindo ao fresco do gear calmasse

A febre devorante das insomnias!  
Fui infeliz — Soffri — Ferrea desgraça  
O coração m'ò espremeu em vâscas  
De delirante dôr. Soffri, mancebo,  
Como pôde soffrer um peito de homem!  
Se não morri foi porque a dôr não mata!  
Se não lancei-me ao mar foi que aventuras  
De desvairada vida me levaram  
Ahi, por esse mundo, como o errante  
Hebreu do mytho da idade média.  
Tudo em vida tentei! Rico, em orgias  
Partê esbanjei de amontoados cofres  
Pejados d'oiro que os avós me herdaram.  
Parte o jogo levou-me. Hontem ainda  
Eu possuia milhões — mas hoje apenas  
Um miseravel sou, que se os andrajos  
De mendigo não traz e não se prostra  
Ao caminheiro a perpassar na estrada,  
É que n'alma lhe sobra inda riqueza  
De indomavel orgulho. — A vida toda  
Sei-lhe pezo e valor — Passei-a inteira,  
Senti uma por uma as flôres della.  
Da mancenilha venenosa á sombra  
Deitei-me e adormeci, e as flôres todas  
Eram mentidas — mancenilha apenas!...  
Ou então frias como ao lago á noite,  
Insipidas papoulas côr de roza,  
Estrellas de theatro, nuvens bellas  
Cá dos longes da terra; mas ao perto

Agua em chuveiros frios condensada,  
Exhalações dos pantanos, pousadas  
Nas alturas de além, de um céu mentido.  
Em lugar de matarem-me e dar á terra  
Ou ás aguas de um lago um corpo frio  
Para os vèrmes, os peixes ou abutres,  
Preferi continuar a vida ainda.  
Porque? eu nem o sei... Mancebo, escuta —  
Ainda és moço, sobra-te no peito  
Muito fogo de vida. — Ensaia os gozos  
O enfebrecer da embriaguez das festas,  
Os beijos de mulher nas faces rozeas,  
De Syracuse o nectar, vinhos gregos  
Em corôadas crystallinas taças!  
Talvez que possas tu voltar ainda  
Ao amor, á vida; com ardencia pura  
Se não poder-l'o ser, com ancia ao menos. —  
É uma receita como qualquer outra,  
Pratica dura de lidar com mágoas  
Me deu esse saber. — Ensaia ao menos! — »

. . . . .  
Levantou-se o mancebo — a mão do Conde  
Tomou, e caminhando pela praia  
De brancas penhas erriçada, cheia  
De cardos e alóes, pausado o moço  
Contou-lhe a historia da passada vida,  
Horas de sonhos que o desgosto e o pranto  
E apenas — ao depois seguiram. — Era  
Esse um romance como os outros todos,

Cheio de amor e de paixões d'uma alma  
De virgem anhellar, dourada ainda,  
Contos de amor, de mal extincta chamma  
Quem inda os não ouviu? Fôra mui longo  
Contar o que elle disse ao Conde Lopo —  
Em pouco se resume essa novella:  
Amára e ás juras lhe sorria a imagem  
De uma deusa na terra — ouviu-lhe as fallas  
Ao louro moço, que poema d'alma  
Tão moça ainda, foi sagrar-lh'a inteira  
Em devaneios de ideador, ás plantas  
Dessa amada mulher. — Eram delicias  
A clareiar-lhe a mente, a luz, as nuvens,  
A terra e a vida, o mar, o céo, as flôres  
Tudo amava por ella, só por ella!  
Era-lhe a bella sua estrella argentea,  
A sua flôr azul crescida ás bordas  
Dos espelhos do arroio, borrifada  
De perolas de escuma — era-lhe a bella  
Sua briza da noite; sons que ouvia  
De enlevadora musica; fallavam  
Della e dos rizados della. Era-lhe a vida,  
Pois, ao pobre mancebo, amor insano  
Mas suave como o rosicler das alvas  
De tepida estação.

E após de tantos  
De tão doirados sonhos do illudido  
Alheado imaginar, que lhe restára?  
E pois ess'alma d'illusões desfeitas



Desentendida p<sup>o</sup>lo gelado peito  
 Dessa que tanto amou cerrou-se em trevas  
 E vertigem insana apoderou-se  
 Do cerebro cansado em doudos prantos...

. . . . .

## VII

Cada palavra que dizia o moço  
 Ao Conde Lopo no amargo peito  
 Sorria alegre o coração de orgulho.  
 Advinhára o descridor a mágoa  
 Que derrubára ao mar, cheio de vida  
 O mancebo gentil. — Desencontrados  
 Corriam-lhe comtudo os sentimentos :  
 Nas idéas do cerebro — pensava  
 Com dó nesse infeliz; alma-poeta  
 Ebria imaginação de virgem terna ;  
 Pobre mancebo debulhado em lagrimas !  
 Com o peito a estallar-se entre volúpias,  
 E ao mesmo tempo a imagem dessa ingrata  
 De fel o enchia, a imaginar a insania  
 Dessa louca donzella que thesouros  
 De tão suave amor menosprezava  
 E tanta flamma arrefecer deixava  
 Na frialdade d'agua ! —

Finda a historia

Cobriu a face com as mãos o triste,  
 E desatou em prantos, apoiando  
 Do Conde Lopo sobre o hombro a fronte.

## VII

## CONDE LOPO

« Mancebo, inda não disse a um peito d'homem  
 — Amigo te serei — isso de ha muito. —  
 Hoje t'ó digo — a amizade queres  
 De um homem que soffreu?

## O MOÇO LOURO

Sou teu amigo.

Teu nome?

## O CONDE

O Conde Lopo, foi-m'ó.  
 Hoje — Ricardo — o — menestrel me chamo.  
 Nasci poeta, tirarei pois vida  
 Dos cantos meus. — Agora qual teu nome?  
 — Cavalleiro Gastão — Meu pai é nobre.  
 Dado á marinha, elle cingiu de louros  
 Nas pelejas navaes, ganhos á espada,  
 O brazão nobre do feudal castello.  
 Segui-lhe a vida. — Cavalleiro dei-me  
 Aos amores do mar. — O amor da ingrata,  
 Dessa fria mulher me demorára  
 Aqui, longe da patria em ocio infame,  
 Esquecido de glorias. — Embriagado  
 De dôr e ciume quiz morrer. — Vieste  
 Então, amigo meu. — Viverei ainda,

Pois o queres, se a vida tem requebros  
P'ra o desprezado peito sem venturas  
Mal amado amador. —

Sorriu o Conde  
Com amigo sorrir, travou-lhe franco  
Da dextra ao cavalleiro.

CAVALLEIRO GASTÃO

Conde Lopo —  
Estás pobre, disseste. Vem commigo  
Tenho pouzada, dar-te-hei abrigo.  
O que tenho terás.

CONDE LOPO

Eu t'o agradeço —  
Disse o soberbo Conde — vim n'um barco  
Que eu aluguei de um pescador na praia,  
Que além da esquerda fica. Hospitaleiro  
O bom do velho offereceu-me pouso —  
P'ra lá volvo-me.

CAVALLEIRO

Adeus, pois. Se ainda  
Quizeres-me encontrar, junto á cidade  
Ao entrar na floresta ha uma quinta  
Entre verdores a alvejar; ondeia-lhe  
Um lago ao pé. — A qualquer dize  
— Cavalleiro Gastão — e hão de ensinar-te  
O caminho que leva á minha casa.

---

Despediram-se. — Apartam-se os dous moços.

Volta no seu corsel o cavalleiro. —

O Conde Lopo — aonde foi ter elle?

Que n'agua não se ouviu o som do barco

A resvallar quebrando a onda em sulcos

Do mar que infindo a soluçar rebenta

Nos areaes da riba? —

N'um penhasco

No manto negro se envolveu deitado. —

Dormia? quem dissera-o? a alma delle

Não havia o sondal-a. — Abertos olhos

Fixava elle no céo. — Escuras nuvens,

E frio chuvisqueiro e o vento rijo

Levantado do mar — e a luz ás vezes

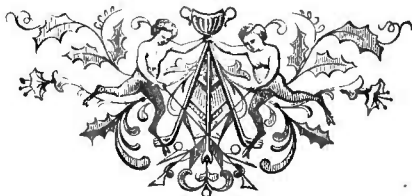
No escurecido céo de um meteóro

Entre as nuvens cahindo — pareciam

Ameaçar tormenta. O Conde Lopo

Com a face na mão, olhando as trevas

Estendido na rocha alli se mostrã.



CANTO VII

UM TUMULO ABERTO

---

Combien de fois avez-vous aimé ?

ANTONY.

Demandez à un cadavre combien de fois il a vécu...

ALEX. DUMAS.





## CANTO VII

**E'** fria a noite no areal das costas  
Quando é sem luz o céu entre negrumes  
E de a escuridão avultam negras  
As rochas onde uivando o mar estalla.

É fria a noite quando o Norte escuro  
Das aguas no estendal repousa frio.  
E as areias da praia se humedecem  
Das escumas que a vaga irada cospe.

---

Escura a noite vai. Dous negros vultos  
Por sobre a areia que no escuro alveja  
Sombrios passam como feias nuvens  
Par a par escorrendo em fundo livido.

. . . . .  
Além na areia arremeçara frio  
O fluxò da maré — deixado em secco  
Um estendido corpo. Os vultos negros  
Ao irem-lhe de ao pé paravam vendo-o.

Era um cadaver, mas ninguem podéra  
 Decifrar-lhe as feições, tão corrompido.  
 Ahi o lançára o mar, desfeito e pôdre.

O louro cavalleiro (pois era elle  
 E o Conde Lopo, esse outro, que ahi vinham)  
 Passeando na praia ao companheiro  
 Fallou assim :

Mysteriosos fados  
 Desse cadaver quem dissera-o? Triste  
 Suicidou-se talvez — quiçá cobarde  
 Um assassino o arremessou ás aguas...  
 Negros arcanos encoberta á morte  
 Fôra uma historia singular a delle  
 Se volvessem finados a contal-a.

O CONDE

Já muitas vezes encarei semblantes  
 Que a morte enteiriçava e ouvi gemidos  
 Na afflicção de um soluço em labios frios,  
 Turvados se quebrar...

O CAVALLEIRO

Entre a peleja  
 Nos combates do mar á luz do incendio  
 Muitos eu vi tambem mas então a alma  
 O perfume das trovas vertiginava  
 Em feroz alegria entre as bombardas



Quando brame o canhão e as náos se abalam  
No movel chão do mar, então delira  
Ardente o imaginar e agrada o sangue  
Ao resfolgar dos arcos.

Porém quando  
Fóra do chão vermelho do combate  
Vejo trazido p'la maré boiando  
Amarello cadaver, sinto o peito  
Confrangir-me o horror e então ignoto  
Frio sentir no coração me passa.

## CONDE

Pois eu, mancebo, já os vi gelados  
P'lo frio do punhal juncando a terra! —  
Minha historia, donzel, é cheia delles  
Como um sombrio pezadello. — A idéa  
Não te pintára mais escuro que ella  
Um medonho romance. — É um mysterio  
Que tremeras, mancebo, de escutal-o,  
Alumiado de clarões de mortes  
Cheio de brilho de punhaes — o sólo  
De sangue roxeado — e além — no fundo,  
Estira-se o cadaver sobre a terra...

## CAVALLEIRO

Conde, vosso descrer, vossas palavras,  
Me revellam que uma historia negra  
Vos doia no passado. — D'indiscreto

Cri dar-vos mostras de querer sabel-o  
 Esse vosso segredo — e pois callei-me.  
 Quando após do banquete adormecieis  
 Vi agitados sonhos vos travarem  
 Do imaginar pela sulcada fronte.  
 Soffreste, Conde! — Se a amizade pura  
 Crês — na do peito meu, contai-me os factos  
 Desses passados peregrinos dias,  
 Dessas horas de sangue. — Atro mysterio  
 Abafa o peito se o recalca ahi dentro  
 Desconfiança d'homem. — Se indiscreto  
 Meu pedido julgais — se esse passado  
 Juramento ou querer, faz-vos mysterio  
 Para olhares profanos; se uma causa  
 Emfim deverdes, Conde, de occultar — callai-m'o  
 Que não me offenderei — ».

—

O que passou-se  
 No cerebro do Conde a taes escutas  
 É difficil dizer. — Calou-se. — Apenas  
 Frio sorriso lhe franziu os labios. —  
 Satanico porém como a tormenta  
 Que lhe lastrava p'las cavernas d'alma:  
 A lhe brãmira lá dentro.

O CONDE

Cavalleiro,

De um castello feudal na torre negra  
 Do perpassar do tempo, nasci nobre. —

O ar de Italia perfumou-me o berço  
Com seus eloendros e cheirosas murtas.  
Nas fraldas do Apenino em rochas negras  
De pico inacessível por um lado,  
Por outro unido á verdejante serra,  
De meu pai — nobre Conde — se assentava  
O invencível solar. — Dissereis ninho  
D'aguia voadora na garganta escura  
De um serro não trilhado por humanos : —  
Lá de cima o olhar corria livre  
Os campos da Toscana. — Essa morada  
Fizera meus avós reis dos terrenos  
Que á vista se estendem — reis de facto  
Se de direito não. — Mas brando jugo  
Era aos servos da baixa da planície  
Cultivadores das amenas varzeas  
Que devassavam os potentes donos  
Do soberbo castello das montanhas.

Correu-me a infancia ahi alegre e bella  
Como a roza levada p'la corrente  
Do rio d'aguas vitreas, como as garças  
Nadando brancas, deslizando abertas  
Ao vento azas de seda, ou em Veneza  
A luz que nas vidraças resplendece  
Das casarias do canal, ou antes  
Aos clarões do luar, — ahi tão bellos ;  
Resvala a gondola ao correr das aguas  
Do barqueiro aos descantes melancolicos.

Assim era-me a infancia — ora a assucena,  
No valle aberta, debruçada n'agua  
Que vivia a amar, ora era a nuvem  
Com seu docel de roza onde eu sonhava  
Uns palacios doirados, ora a pomba  
Branca a poisar-me sobre a mão, sorrindo  
Entre os suspiros seus, ora doirada  
Uma azul borboleta que eu seguia  
Por entre as folhas humidas do parque.

Mas a infancia passou ; bem como passa  
O arrebol da manhã e vem a ardencia  
Do meridiano sol. —

Um dia, ás horas,  
Que desperta no Céu a madrugada  
No meu cavallo eu percorria os campos  
Nesses sonhos immerso que aos mancebos  
Emballam tanto a mente. Ouvi uns passos  
Como o tropear de algum ginete — e cedo  
N'um candido corsel eu vi montada  
De azulado vestido e longas roupas  
Uma alegre donzella — galopando.  
O garrido corsel, as brancas sedas  
Das crinas reluzentes sacodia...  
Cada vez, mais de mim se approximava.

Pude-lhe então melhor notar as fórmãs.  
A amazona seductora e bella  
Era uma rosea virgem fresca e pura

Como a sultana do rosal. — Os crespos  
Que o movimento do corsel soltára  
Desfeitos lhe cahiam sobre o collo  
De transparente neve, reluzindo  
Sob as abas azues, a pluma trémula  
Meio — cahia do chapéo mimoso.

Na mão esquerda as redeas segurava,  
N'outra um ramo de flores.—Quanto ás faces  
Rosava-as o prazer e da corrida  
Talvez a agitação.—Quando passou  
Junto á mim o corsel cahiu-lhe o ramo;  
Quiz ella demorar-se, mas o fogo  
Do brioso ginete arrebatou-a—  
Embalde a nivea mão tentou-lhe as redeas  
Por um pouco suster, corria sempre!

Com a mente cheia ainda dessa imagem  
Que assim tão bella me corréra adiante,  
Eu perguntei-me se visão não era  
Isso tudo que eu vira. O lindo ramo  
Levantei-o do chão. Eram violetas  
As flores della, entre ellas reluzia  
Uma branca rosinha. Tive idéa  
De á donzella ir leval-o, e assim ainda  
Mais uma vez podel-a ver.—A redea  
Ao cavallo soltei e disparado  
A todo o galopar corri p'los campos,

Saltando os vallos e o espinhal das cercas.

. . . . .  
 No cimo de um outeiro a fôrma bella  
 Azul lhe divisei a destacar-se  
 Sobre o oiro do céu da madrugada  
 O ar da briza lhe agitava os crespos  
 De castanho fulgor.—E ella immovel  
 Parecia esperar. Todo embebido  
 Nessa visão do céu correu-me breve  
 O caminho até ella.—Um sentimento  
 Que até hoje ignorára me acordava  
 Em frémitos no seio.—A' bella moça  
 As flores entreguei.—Ella sorriu-me  
 E no sorriso carmezim ficaram  
 As rozas do semblante d'ella.

Mudos

Nós ficámos assim, nem eu ousava  
 Uma palavra lhe dizer, nem ella  
 Os olhos baixos levantar.

Confusa

Murmurou ella, emfim.—Eu agradeço  
 Vosso obsequio, Senhor.—Mas, cavalleiro,  
 Tenho um outro a pedir-vos.—Por acaso  
 Do solar da montanha qual a estrada  
 É dessas duas que de além se cruzam,  
 Sabereis me dizer? —

«Sou do castello,

Formosa dama, ser-me-ha ventura  
 P'los desvios da estrada ser-vos guia.»

Nada me respondeu. Partimos ambos,  
 Porém sem galopar. Co'a redea ao collo  
 Andava meu corsel a par do della.—  
 De tantas cousas que eu sentira n'alma  
 Nada podia-lhe dizer. Olhava-a  
 E ao vel-a me sorria a idéa n'alma!  
 Doce e breve nos foi esse trajecto —  
 Cedo chegámos ao portão dos muros.

Ahi nos apeámos.— A donzella  
 Disse queria que chegassem todos  
 P'ra com elles entrar.—Deixára-os ella  
 Por seu prazer de galopar ao fresco  
 Da madrugada azul que em céos tão puros  
 Sem véo de neve se arraiava ledã  
 De matizes purpureos. As folhagens  
 Lustrosas de rocio, as flores pensas  
 Sob o pesar do orvalho e a aura suave  
 A's verduras do campo, amava-as ella  
 Sosinha a discorrer.—O peito virgem  
 Lhe anciava mais sereno entre os frescores  
 Dessas almas saudosas.

Chegou breve

A reunir-se com ella a companhia.  
 « Meu pai », disse ella a um garboso velho,  
 « Um cavalleiro aqui vos apresento  
 « Que ensinou-me o caminho do castello —  
 « Agradecei-lh'o ». —

No castello entrámos

Em alegres conversas. Ao saberem  
 Quem eu era, por meu pai, maiores  
 Favores recebi de todos elles.—  
 Não ha contar-vos que prazer, que encanto,  
 Esse dia gravou-me na memoria.

---

Primores de pincel nunca igualaram  
 A perfeição da formosura della.  
 Quadros de Raphael ou de Ticiano  
 Nem chegavam-lhe aos pés. — Se brilha nelles  
 O ardente colorido em roseas fôrmas  
 Fôra essa vida, esse olhar de chamma ardente  
 Que me queimava n'alma — essa frescura  
 Do labio aberto patenteando perolas  
 De feiticeira alvura.— Quando á noite  
 Volvem-me ás vezes encantados sonhos  
 É bella assim que m'a desenha a mente,  
 Em sombras d'oiro, d'azuladas roupas  
 E a pluma branca a lhe prender no collo,  
 Os desfolhados tremulantes focos.  
 Esses anneis desfeitos, onde a briza  
 Ia aromas beber, e esses olhares  
 De limpido fulgor e negras tintas,  
 E o castanho das tranças reluzindo  
 Com reflexo doirado e a fronte e os labios  
 E a face cheia de rubor, tão bella  
 Como eu sei-a sonhar, mas não dizel-o.

. . . . .



Ahi parou o Conde.—Longo tempo  
Ficou immerso n'uma idéa, immovel,  
Com os olhos no céo—

---

Amei-a e ella

O anjo, amou-me tambem.—Corações puros  
De amor, dos mesmos sonhos embebidos  
Juraram mutuo amor....

Oh! quantas vezes

Emquanto aos outros distrahia a festa  
Não vaguei pelo campo, a sós com ella!  
Oh! quantas vezes não lhe disse fallas  
De profundo sentir! E ella sorria.....  
Mais apertadas mãos, o olhar mais terno  
Voltavamos ao baile.

Amei-a, amou-me!

Foram duas perolas no amor fundidas  
N'uma perola só, foram dois anjos  
Unidos lá no céo. N'uma só nuvem  
Duas nuvens ligadas lá no empyreo—  
Nossos dois corações eram tão puros!  
Os nossos olhos um aberto livro  
Onde ambos liam sentimentos mutuos,  
Eram um lago de crystal tão claro  
Que d'agua a limpidez mostrava ao fundo  
A areia argentea dos coraes purpureos.

. . . . .

Um dia separamo-nos mais tristes  
Em pranto os olhos. — Mas amarga e longa  
Foi essa despedida — então preságo  
Parece o coração nos futurava  
As nuvens do porvir....

Parti. As ordens  
De meu pai o queriam.—Quanta lagrima  
Banhou-me os olhos ao deixar a casa  
Onde primeira a viração brincára  
Em torno ao berço meu. Esse castello  
Erguido no alcantil em fundo verde  
De florestas luzentes — e mais alto  
Lá no horizonte a reiatarem-se alvos  
Dos Apeninos os nevados cumes.  
Quando tudo isso que eu amára tanto  
Perdi de vista e quando o nevoeiro  
Senti lá do horizonte desmaiado  
Perder-se a terra dessa bella patria  
E aos montes verdes da risonha Italia  
O perdido arrular de infindas aguas  
A confundir-se com o céo — é facil  
A ti que a patria pelo mar trocaste  
Dentro do peito imaginar. Tres annos  
Correram-me em viagens. Vi a França  
D'Allemanha corri as frias terras,  
Vi a Hespanha, a Italia do Occidente,  
Com seus campos de vinhas, e Sevilla  
A mirar-se louça no azul das aguas.  
Fôra-me longo descrever-te a historia

Desse meu viajar, dizer-te casos  
De aventuras de então.—

Estava em Cadiz

Quando uma carta recebi da patria —  
Fallecera meu pai.

Eu me esquecera

De vos contar que tinha mais idoso  
Um irmão.—O castello era, pois, d'elle;  
Longa a ausencia, porém, lhe parecia  
E saudades de mãe que eu lá deixára;  
Por letras d'elle desejavam breve  
Volta minha ao solar.— A minha vida  
Fôra té hi um sonho — e um só desejo —  
Vel-a ainda uma vez, poder-lhe ainda  
Ouvir-lhe a doce voz e repetir-lhe  
De joelhos — eu te amo. Era essa idéa  
De meus dias e noites. Minha vida  
Era beijar um resequido ramo  
Que ao despedir-me ella puzera ao peito.  
Retrato della não o tinha — embora!  
Que era-me ella gravada ahi no seio  
Com tanta vida e côres que sobejo  
Me fôra um'outra imagem. Magdalena  
Chamava-se ella assim, — ella sómente...  
Nos saudosos sonhares me alentava

---

Voltei pois: cada dia eu maldizia  
Do meu barco o vagar; embora sempre

D'aura favorecido vellejasse  
 Como um açor a esvoaçar garrido  
 O ligeiro navio...

Era uma tarde —

Parece-me inda vel-a — A aragem pura  
 Mais tepida sussurrou-nos pela pôpa.  
 Ia limpido o mar; arfava o barco  
 Ao flacido embater das mansas vagas  
 Cortando escumas com aguda prôa;  
 As velas cheias resvallando alegre  
 Das aguas pelo azul. Eis o gageiro  
 Do alto dos mastaréos bradou-nos « *Terra!* »

Além, lá no Oriente acalorado  
 P'lo roseo cinto do arrebol rosado  
 Como cahida nuvem, ou qual alvo  
 Goelando do mar a adormecer nas aguas,  
 Uma cinzenta lista se levanta  
 Nos longes do horizonte... Era a Italia.

. . . . .  
 Ao chegar ao castello idéa turva  
 De segregado presentir me vinha  
 O espirito enervar. — Escura a noite  
 Se desdobração nos calados campos —  
 Mas que importava? s'eu sabia a estrada,  
 Se os olhos vagos eu volver podesse  
 A esse castello donde ha tanto tempo  
 Inda n'infancia, meus sonhares todos

Em *amor* se tornassem ?

Alegria

Da surpresa dos servos, das caricias  
De meu irmão... e minha mãe e amores  
Da virgem dos meus sonhos... esperanças  
Inda a lutar-me co'a idéa amarga  
Do coração presago, distraham-me.

---

Havia festa no solar antigo :  
Os vidros das janellas reluzião  
Como olhares de fogo, devassando  
Dos campos a amplidão. Vão mil rumores  
Ahi dentro ao Castello. Riem, dançam,  
E o silencio da noite quebram musicas  
Resoando na montanha...

Ia alta noite

Quando ao castello entrei. — Um velho servo  
Á porta conheceu-me. — « Vinde, vinde »,  
O bom velho bradou — « o cavalleiro  
Dom Lucio, eil-o de volta ». Quiz embalde  
Perguntas lhe fazer, o velho em lagrimas  
Só sabia me olhar, juntar ao peito  
Meus tremulos joelhos. — Acudiram  
Dos salões cavalleiros — é sabida  
A bem aceita nova. — O irmão e agora  
Minha tão bôa mãe beijam-me e abraçam-me.  
— Mas ella ? —

Entreí — embora lhes notasse

Que improprios trajes meus eram p'ra o baile.  
 Não quizeram m'ouvir —

O irmão deixou-me  
 Mas em breve tornou. P'la mão trazia  
 Uma virgem de branco, o véo de rendas  
 Da corôa de rosa<sup>s</sup> brancas pende-lhe  
 Cahido sobre a face — a mão lhe treme  
 Na mão de meu irmão.

Velada embora  
 O coração m'a conheceu — tremeu-me  
 E desvairou-me o cerebro — A donzella  
 A Magdalena dos sonhos meus — o anjo  
 Do saudoso lembrar...

O IRMÃO

— Irmã te seja  
 Essa meiga donzella. — Porque tremes  
 O' minha noiva, assim? Elle ha de amar-te,  
 Tem bom coração —

Ergueu-lhe a renda  
 De véo branco —

Fitei-a. Era ella mesma,  
 Mas pallida e a tremer, o rosto frio  
 E os labios descorados...

Despertei-me  
 Do desvairar da mente. Cortejei-a

. . . . .  
 « Amam-se! E ella trahiou-me! — Ella tão bella  
 Que eu nunca o pensaria... Anjos mentidos!

. . . . .  
 Que importa? partirei — amem-se — vivam  
 Em ditoso gozar, — sejam felizes.  
 Embora eu soffra, e meu penar qu'importa?  
 Amanhã partirei... porque não hoje?  
 Porque não partirei agora mesmo?  
 Hei-de esquecel-a, tental-o-hei ao menos  
 Se vivo o não puder, ha-de trazer-m'o  
 O somno de olvido esse punhal...

Partamos...

Seja-me um pezadello esse presente —  
 Um sonho o meu passado — O mar agora  
 Sobeja aos meus amores. —

Pobre louco!

Sonhaste um peito de mulher constante  
 Em firme e terno amor... Mil vezes louco!

—  
 Nada me resta emfim! Eis-me lançado  
 Deserto á vida. — Nada mais ficou-me!  
 Morreram todas esperanças d'alma  
 Ao pobre sonhador... Que noite horrivel!  
 Sinto ar faltar-me! Ferve-me a cabeça!  
 Que febre ardente! .. e ainda não é ella  
 Ella! a *morte!*

Que noite amaldiçoada!

Como correu-me lenta!... Deram horas —  
 Mas eu nem pude ouvil-as... Escutei  
 Passos e vozes; musicas resoam...

Que tormento infernal! Lá passam... *ella*  
 Ella a perfida vil... Meu Deus! piedade!  
 Eis-me aqui de joelhos, oh! piedade!  
 Tirai-me essa tortura d'ante os olhos —  
 Esse inferno aqui d'alma...

Eu ouço passos

Ahi vêm — Levantemo-nos... Se acaso  
 Alguem me visse assim, que amargo escarneo!  
 Haviam rir de mim!... Mas ninguem viu-me.  
 Enxuguem-se essas lagrimas... Não quero  
 Não quero mais chorar. Mas se ella ouvisse?  
 Oh! porque gemo assim? porque soluço?  
 Calle-se o peito meu! estalle embora!

—

Em loucos turbilhões assim idéas  
 Me levaram em trepido delirio.  
 Foi a hora acerba de agonias longas  
 Essa que ahi passei pensando nella —  
 Té na morte pensei — olhei o ferro  
 De aço reluzente que apertava tremula  
 Minha dextra convulsa e fria — cri-me,  
 Que eu achára o segredo do repouzo...

Que idéas várias de correr ardente  
 Como o zig-zag do raio perpassavam  
 Nestes instantes de loucura, agora  
 Não podera eu dizel-o — O suicidio  
 Foi-me ultimo desejo — Imaginei-me



Quando ouvissem tombar meu corpo frio,  
 Quando eu jazesse ahi sobre o soallo  
 Já sem respiração no roto peito,  
 No rosto sem calor, livido e frio  
 E no peito sangrento mergulhada  
 A lamina de ferro ainda — do estrondo  
 Correndo todos do castello, os donos  
 E *ella* com elles — e o remorso intenso  
 Que lhe plantára ahi no seio perfido  
 Meu livido cadaver — e o tardio  
 Baldado arrependimento! — Idéas negras  
 Me riam na vingança! — Soaram passos  
 E o roçar de vestidos nas paredes  
 Do escuro, estreito corredor. — Calmei-me,  
 Callei o peito meu — nem ancia ou lagrima,  
 Nem soluço ou tremor — nada! Ardente  
 Quedou-me o coração. —

Mancebo, escuta!

A olhos profanos a secreta mágoa  
 Não vás mostral-a, não. — Hão de rir della,  
 Hão de zombar-te ás fallas! Fecha-a antes  
 A chaga de teu peito co'as mãos ambas,  
 Cobre-lhe a cicatriz — nem lhe trãnsude  
 Gotta de suor ou sangue — ...

Soaram passos

Alguem entrou. Eu me voltei — Era ella!

EU

« Vós, Senhora Condessa! »

E *ella* pallida

Abatida e sem côr e os olhos mortos

E os labios descorados, os cabellos  
 Co'as flôres inda do noivado infame,  
 Da rota cr'ôa entrelaçados — alva  
 Como estatua sem vida! —

Ella calou-se --

Ou que a voz na garganta lhe gelasse,  
 Ou temesse fallar — enfim me disse:  
 —« Lucio — porque, como antes, Magdalena  
 Não me chamas sequer? »—

EU

Magdalena

P'ra mim morta é de ha muito. — Foi um sonho  
 Cheio de flôres e clarões ethereos.  
 Mas não ha sonho sem ter fim, só desse  
 Eu vol-o juro, nobre Dama, foi-m'o  
 Tenebroso e horrivel como o inferno!

Vieste Magdalena — eu t'o agradeço...  
 Perdão se vos chamei por esse nome  
 Do anjo que out'ora amei, da virgem pura  
 Que não mentiu fallaz...

Agradeço-vos

Senhora Condessa, o terdes vindo.  
 Ainda ha pouco eu desejei fallar-vos,  
 Dizer ainda uma vez *adeus!* a essa  
 Dos sonhos de mancebo — inda antes...  
 De morrer!

ELLA

Oh! morrer! Lucio, tão moço...

EU

Ha uma hora, senhora, era eu ditoso.  
Com ardencias de moço galopava  
Para encurtar estradas, anhellante  
De ver-vos, de tornar a ver ainda  
A Magdalena do passado. —

ELLA

Lucio...

EU

Oh! não me interrompais. — Deixai que eu falle.  
Será curto o viver do desgraçado.  
Deixai-o pois que elle evapore em queixas  
O ultimo alento do existir...

Eu vinha

Então rico de vida e d'esperanças  
Além no termo de viajar sorria  
Ao pobre peito meu doirado scisma!  
Quem me fallasse então de morte e inferno  
Eu chamára-o de louco...

Porém quando

Neste castello entrei, neste palacio,  
Que tanto tempo foi-me um céu da vida,  
Cheio de amor e sonhos; oh! maldito  
Oh! maldito mil vezes esse instante!

Sellára o inferno aqui quebradas juras  
D'alma infame e sem fé...

Perdão, senhora ;

Tudo isso ha uma hora foi -- e cada instante  
Decorrido de então parece á alma  
Um delirio mais negro...

Oh! antes isso!

A loucura mil vezes! — São felizes,  
Dizem ao menos, esses que a doudice  
De algum passado recordar desvia.

Na verdade morrer tão moço... é duro!  
Mas qu'importa? nasci em dia aziago —  
Astro de maldição clareou-me o berço  
E demonios no inferno me saudarão  
Com escarneo ao morrer...

Soffrer, na fronte

O fado m'escreveu! Morrer, tão moço  
Como isso é duro! — Porém mais ainda  
É soffrer o que soffro -- e o pobre louco  
Imaginar-se que ninguem na vida  
Quando na tumba rebolcar-lhe o corpo  
Ha-de ainda ficar a dar-lhe prantos  
Ao passado cruel! Ninguem! Ainda  
É essa idéa que a mulher, o anjo  
Que o pobre tanto amou -- ha-de sorrir-lhe  
Rizo de infame escarneo sobre a campa!...

. . . . .

Oh! Magdalena — escuta, ahi na vida  
Como a ti nada amei! ouve-me e seja  
Castigo á tua ingratição a historia  
Do meu puro sentir! Oh! Magdalena: —  
Nunca os anjos no céo assim amaram!  
Era um amor que me queimava o peito,  
Que matava me os sonhos, era um affecto  
Sonhado de joelhos, entre prantos,  
Oh! Magdalena que eu sentia immenso!  
Que amores, que te dei! que sonhos magos  
Que sagrei-te no seio! Que aras santas  
Que perfumei-te de poesia e flôres,  
Cada hora, cada instante, noite e dia,  
Nas terras e no mar, á luz dos astros,  
No meu passado a te rever a imagem,  
Sonhos a recordar, depois amores  
Que tão breve correram! Magdalena,  
Que amores que te dei votados no intimo  
De uma alma pura!...

E vós sabeis, senhora,  
Quem foi essa mulher, essa perjura  
Magdalena sem alma?...

—  
Cavalleiro,

Um beijo della me calou o insulto.  
Ella chorava, e gemebunda a face,  
Eu lhe inundava a negridão das tranças  
Poz-l'a nos hombros meus...

Foi fraco Lucio!  
Perdoem-lhe a trahição — antes ainda  
Que desculpasse a ella. E o amor que outr'ora  
Era tão puro — se verteu em crime!

.....

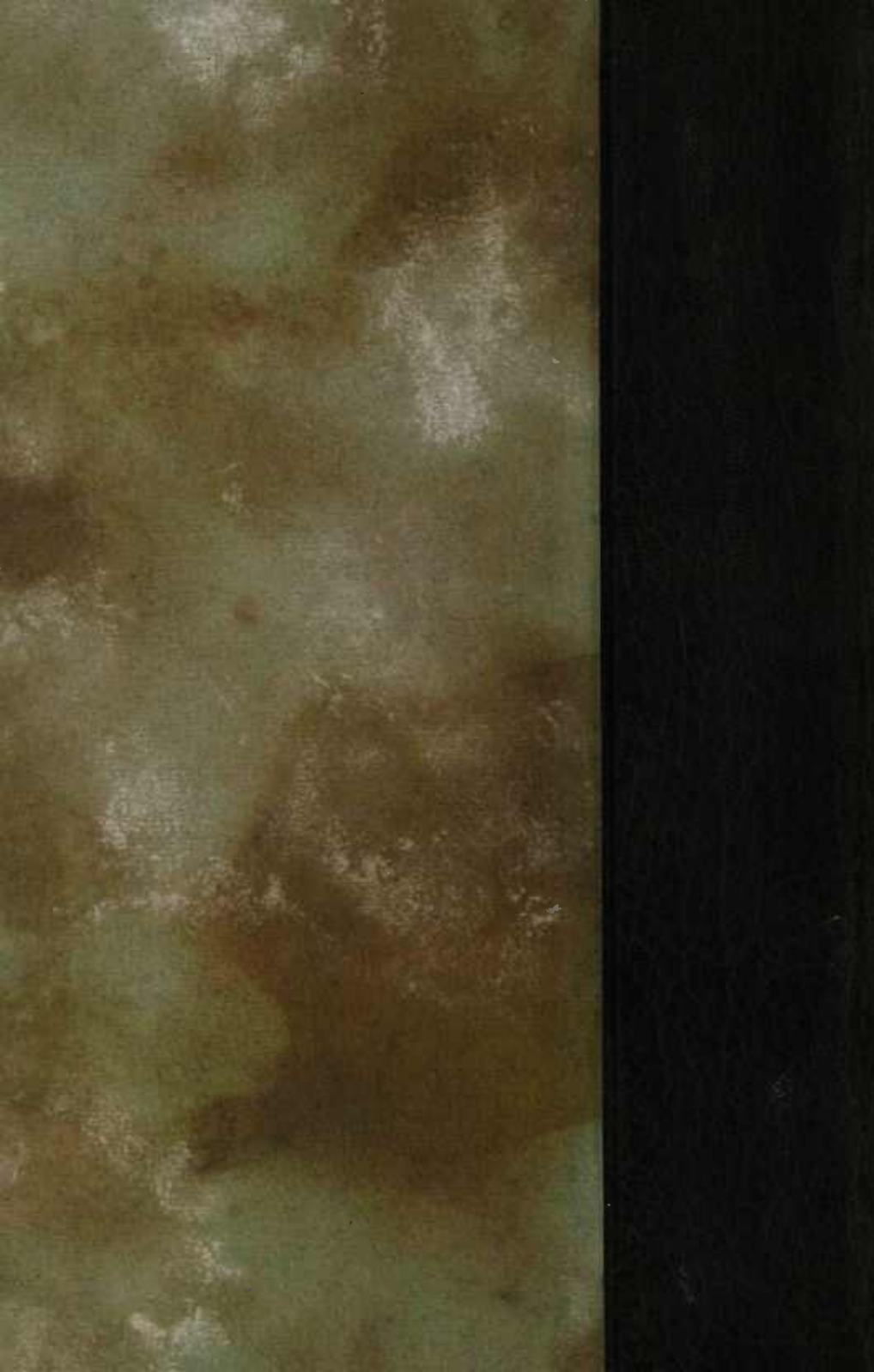












## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).